



Setúbal Arqueológica
vol. 18

DO PALEOLÍTICO AO PERÍODO ROMANO REPUBLICANO

Actas do IX Encontro de Arqueologia do Sudoeste Peninsular

Setúbal
Arqueológica

Vol.18
2019

DO PALEOLÍTICO AO PERÍODO ROMANO REPUBLICANO

Actas do IX Encontro de Arqueologia do Sudoeste Peninsular

Joaquina Soares • Inês Vaz Pinto • Carlos Tavares da Silva
(Coord.)

Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal /
/Associação de Municípios da Região de Setúbal



Setúbal Arqueológica

Vol.18

2019

Propriedade MAEDS/AMRS - Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal/
/Associação de Municípios da Região de Setúbal

Direcção Carlos Tavares da Silva
Joaquina Soares

Coordenação do volume Joaquina Soares
Inês Vaz Pinto
Carlos Tavares da Silva

Capa Lucerna romano-republicana de Chibanes. Foto de Rosa Nunes.

Layout Ana Castela
Ana Paula Covas

Tipografia Tipografia Belgráfica, Lda

**Informações
e permutas** Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal
Avenida Luisa Todi, 162 - 2900-451 Setúbal (Portugal)
Tel.: +351 265 239 365/265 534 029
E-mail: maeds@amrs.pt
Site: <http://maeds.amrs.pt/>
Blog: <http://maedseventosactividades.blogspot.pt/>

Copyright® Setúbal Arqueológica e autores, 2019

ISSN 0872-3451

Depósito Legal 464909/19

IX ENCONTRO DE ARQUEOLOGIA DO SUDOESTE PENINSULAR



IX ENCUESTRO DE ARQUEOLOGIA DEL SUROESTE PENINSULAR

Comissão Científica

Carlos Tavares da Silva (MAEDS - UNIARQ- Universidade de Lisboa)
Catarina Viegas (UNIARQ- Universidade de Lisboa)
Inês Vaz Pinto (CEAACP - Troia Resort)
Javier Jiménez Ávila (Consortio de Mérida)
Joaquina Soares (MAEDS - UNIARQ- Universidade de Lisboa)
Juan Aurelio Pérez Macías (Universidad de Huelva)
Macarena Bustamante Álvarez (Universidad Autónoma de Madrid)
Rosa Varela Gomes (IAP-FCSH- Universidade Nova de Lisboa)
Victor S. Gonçalves (UNIARQ- Universidade de Lisboa)

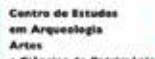
Comissão Organizadora

Ana Patrícia Magalhães (Troia Resort - UNIARQ- Universidade de Lisboa)
Carlos Tavares da Silva (MAEDS - UNIARQ- Universidade de Lisboa)
Inês Vaz Pinto (CEAACP- Troia Resort)
Javier Jiménez Ávila (Consortio de Mérida)
Joaquina Soares (MAEDS - UNIARQ- Universidade de Lisboa)
Juan Aurelio Pérez Macías (Universidad de Huelva)
Macarena Bustamante Álvarez (Universidad Autónoma de Madrid)
Manuela de Deus (Direcção Regional de Cultura do Alentejo)
Patrícia Brum (Troia Resort – IHC- Universidade Nova de Lisboa)
Samuel Melro (Direcção Regional de Cultura do Alentejo)



Tróia • Setúbal • 2016

Org.:



Colab.:



Nota de abertura	9
Rui Manuel Marques GARCIA	
Apresentação	10
Joaquina SOARES, Inês VAZ PINTO e Carlos TAVARES DA SILVA	
In memoriam Jesús Fernández Jurado (1955-2019)	11
Clara TOSCANO-PÉREZ e Diego RUIZ MATA	
Os mais antigos vestígios humanos na costa sudoeste: o corte de Porto Covo (Sines)	13
João Luís CARDOSO	
O Mesolítico em Portugal: uma nova visibilidade para os concheiros do Rio Sado	19
Rafael LIMA	
O Sítio de Fornos do Barranco Horta do Almada 1 (Santa Clara do Louredo, Beja) – Primeiros dados acerca da ocupação pré-histórica	25
Ana ROSA e Mariana DINIZ	
Quinta da Praia (Samouco, Alcochete): testemunhos do Neolítico Antigo na margem esquerda do estuário do Tejo	33
António Faustino CARVALHO, Miguel CORREIA e Marisa MOISÉS	
Dolmen de la Peña del Hombre (Almonaster la Real, Huelva)	41
José Francisco GONZÁLEZ VÁSQUEZ	
La Cueva del Cañaveral (Adamuz, Córdoba, España) en la Prehistoria Reciente de Sierra Morena: nuevas aportaciones	47
Isabel María JABALQUINTO EXPÓSITO e José Clemente MARTIN DE LA CRUZ	
Los denominados cilindros decorados de hueso de la Prehistoria Reciente en la Provincia de Cadiz	61
María Narváez CABEZA DE VACA e María LAZARICH	
A cerâmica de engobe vermelho dos povoados do 4º/3º milénio a.n.e. de São Pedro (Redondo, Alentejo Central)	71
Catarina COSTEIRA e Rui MATALOTO	
Os metais das necrópoles de cistas de Casas Velhas (Melides) e da Provença (Sines). O encontro de antigas e novas tecnologias no Bronze Pleno do Sudoeste	89
Pedro VALÉRIO, Maria Fátima ARAÚJO, António M. MONGE SOARES, Joaquina SOARES e Carlos TAVARES DA SILVA	
O depósito metálico de Agro Velho - Montalegre e a sua relação com o Sudoeste Peninsular (?)	97
Joaquina SOARES, Pedro VALÉRIO, António M. MONGE SOARES e Maria Fátima ARAÚJO	

Notas sobre la Edad del Bronce en el Andévalo (Huelva, España)	105
Juan Aurelio PÉREZ MACÍAS, Rubén MACÍAS FORTES e Manuel RABADÁN VÁSQUEZ	
Gruta da Igrejinha dos Soidos (Alte, Loulé): contribuição para o estudo do final da Pré-história no Algarve	121
António Faustino CARVALHO e Humberto VERÍSSIMO	
El escudo de Clonbrin (Irlanda) y las estelas del Suroeste. Una aproximación a los escudos con escotadura en «V» del Bronce Final Atlántico	133
Jorge del REGUERO GONZÁLEZ	
Importaciones mediterráneas en el Cerro del Castillo de Medellín (Badajoz): cerámicas griegas y escarabeo de las campañas 2014 y 2015	145
Javier JIMÉNEZ ÁVILA, Ángel CARBAJO LÓPEZ e Montaña LUENGO GONZÁLEZ	
La etnoarqueología cerámica, una herramienta fundamental para el estudio de la alfarería prehistórica	159
María LAZARICH, Antonio RAMOS-GIL, Juan Luís GONZÁLEZ-PÉREZ, Maria José CRUZ-BUSTO e Mercedes VERSACI	
Tejada La Vieja (Escacena del Campo, Huelva) y la producción y consumo vitivinícola	171
Clara TOSCANO-PÉREZ	
El Potro desempotrado: el Caballo ibérico de La Covatilla (Marchena, Sevilla)	181
Javier JIMÉNEZ ÁVILA	
Adornos, espaço e tempo: as contas de colar em Mesas do Castelinho (Santa Clara-a-Nova, Almodôvar)	193
Susana ESTRELA	
Castro de Chibanes (Palmela). Trabalhos arqueológicos de 2012 a 2017	215
Carlos TAVARES DA SILVA, Joaquina SOARES, Susana DUARTE, Teresa Rita PEREIRA, Antónia COELHO-SOARES e Vincenzo SORIA	

Nota de Abertura

Em boa hora se realizou em Setúbal-Tróia-Palmela o IX Encontro de Arqueologia do Sudoeste Peninsular, em cuja organização participou o Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal – MAEDS, integrado na Associação de Municípios da Região de Setúbal (AMRS).

O património cultural e, no caso vertente, o arqueológico constituem um valor social e económico inestimável, que não pode ser esquecido nos programas de desenvolvimento regional; a mobilização desse património para a fruição da população residente e dos que nos visitam alimenta uma cada vez mais expressiva atividade de turismo cultural e exige que a montante se incremente a investigação em arqueologia e nas chamadas arqueociências.

Através da unidade de investigação, Centro de Estudos Arqueológicos do MAEDS, a Associação de Municípios da Região de Setúbal dá corpo à sua política de valorização patrimonial; estando embora focada no território regional, tem a clara noção de que a obtenção de sinergias no mundo contemporâneo requer amplas escalas de enquadramento. Nesta óptica, congratula-se pela abordagem ao povoamento humano pretérito à escala do Sudoeste Ibérico, justamente no cruzamento dos mundos mediterrâneo e atlântico, onde nos situamos.

A presente edição da “Setúbal Arqueológica” dedicada ao 1º volume das actas da reunião científica a que nos vimos referindo alia-se à revista *online* “Digital” do CEAACP da Universidade de Coimbra na preservação e divulgação das comunicações aí apresentadas. Se este último suporte chega mais longe na geografia, a impressão em papel promete ir mais longe no tempo. A conjugação de ambas foi uma oportunidade feliz.

Saúdo até um novo Encontro os parceiros e os autores que com o seu trabalho criativo dilataram o conhecimento da história humana desde os Primórdios até à Conquista Romana no Sudoeste Europeu.

Rui Manuel MARQUES GARCIA

Presidente do Conselho Directivo da Associação de Municípios da Região de Setúbal (AMRS)

Apresentação

Os Encontros de Arqueologia do Sudoeste Peninsular têm vindo a realizar-se desde 1993 em diversas localidades de Portugal e Espanha, com o objectivo de dar a conhecer novidades da investigação arqueológica, apresentar resultados de projectos de investigação em curso e debater problemáticas relevantes da arqueologia do Sudoeste Peninsular, fortalecendo os laços profissionais entre os investigadores portugueses e espanhóis.

De 4 a 6 de Novembro de 2016, ocorreu o IX Encontro, em Troia e Setúbal, ficando a organização a cargo de TROIA RESORT – Ruínas Romanas de Troia, do Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal (MAEDS) – Associação de Municípios da Região de Setúbal (AMRS) e do Centro de Estudos de Arqueologia, Artes e Ciências do Património da Universidade de Coimbra (CEAACP), tendo contado com o apoio da Direção Regional de Cultura do Alentejo, da Câmara Municipal de Grândola, do Consórcio de Mérida, da Universidade Autónoma de Madrid, da Universidade de Huelva e ainda do Hotel Aqualuz de Tróia e da Atlantic Ferries.

Visitaram-se as ruínas romanas de Tróia, os hipogeus pré-históricos da Quinta do Anjo e o castro pré e proto-histórico de Chibanes. O encerramento ocorreu na Casa Mãe da Rota dos Vinhos, com o apoio da Câmara Municipal de Palmela.

Um total de 161 autores apresentou comunicações. Atendendo ao elevado número de textos entregues para publicação e à extensa diacronia abrangida pelos mesmos, decidimos editar as actas do Encontro em dois volumes. O primeiro, agora publicado, integra os artigos respeitantes aos períodos mais antigos, da Pré-história ao Romano-Republicano.

Os artigos foram objecto de revisão por membros da Comissão Científica, a quem muito agradecemos. Porém, a responsabilidade pelos conteúdos e pelo cumprimento dos direitos de autor é dos signatários dos artigos publicados.

Os coordenadores científicos congratulam-se e agradecem a disponibilização do espaço editorial facultada pelas revistas “DigitAR” (online) e “Setúbal Arqueológica” (impressão em papel).

Joaquina SOARES

Inês VAZ PINTO

Carlos TAVARES DA SILVA

(Os Coordenadores Científicos)

Adornos, espaço e tempo: as contas de colar em Mesas do Castelinho (Santa Clara-a-Nova, Almodôvar)

SUSANA ESTRELA*

“O Mediterrâneo não é apenas um mar e o litoral que o rodeia”
Predrag Matvejevitich, *Breviário Mediterrânico*, 2009, p. 137

Resumo

A estratigrafia da Idade do Ferro e de época romana de Mesas do Castelinho (Almodôvar) promove a reflexão sobre os adornos deste povoado e a discussão das diferenças e semelhanças com outros sítios do Sudoeste peninsular.

Ainda que em porções reduzidas, as matérias-primas, formas e cores dos adornos são variadas e há uma certa primazia das contas oculadas.

O Mediterrâneo mostra-se do princípio ao fim do povoado. Periférico nos grandes circuitos comerciais é um marco num interior que importa os artigos do litoral peninsular e de pontos mais distantes do *Mare Nostrum* romano.

Palavras-chave: Adornos, estratigrafia, Idade do Ferro, Época Romana, Mediterrâneo.

Abstract

The Iron Age and Roman era stratigraphy of Mesas do Castelinho (Almodôvar) provides reflections on the adornments of this site and the debate of differences and similarities with other sites of the South-western Iberian Peninsula.

Though in reduced amounts, the raw materials, shapes and colours of the ornaments vary, with a certain primacy of the eyed-glass beads.

Mediterranean shows itself from start-to-end of the site. Marginal in the great trade circuits is a landmark in an interior that imports the articles of the peninsular coast and of more far points of the Roman *Mare Nostrum*.

Keywords: Adornments, stratigraphy, Iron Age, Roman Period, Mediterranean.

Mesas do Castelinho: o sítio no tempo e no espaço

Nos finais do século V – inícios do século IV a.C., a meio caminho entre a peneplanície alentejana e os contrafortes da Serra do Caldeirão (V. Fig. 1), é fundado Mesas do Castelinho (Santa Clara-a-Nova, Almodôvar).

A fase da Idade do Ferro mostra um “povoado cego” com áreas oficinais e habitacionais num perímetro amuralhado com perto de 3,5 ha, disposto em duas plataformas sobranceiras à Ribeira de Mora, afluente do Rio Mira que corre mais a Oeste. Núcleo rural de dimensões razoá-

veis, a sua localização faz-se numa passagem natural de vias. Recebe, ainda que em quantidades relativamente escassas, artigos importados do litoral, mas adquire, simultaneamente, alguma relevância na distribuição destes artigos e da cerâmica local ou regionalmente produzida (Estrela, 2010-2011).

Continuamente ocupado até aos inícios do século II d.C., conheceu cedo os sinais da romanização do território. Disso são bons exemplos a presença ingente de cerâ-

* FCT/UNIARQ – Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa. estrela.susana@gmail.com

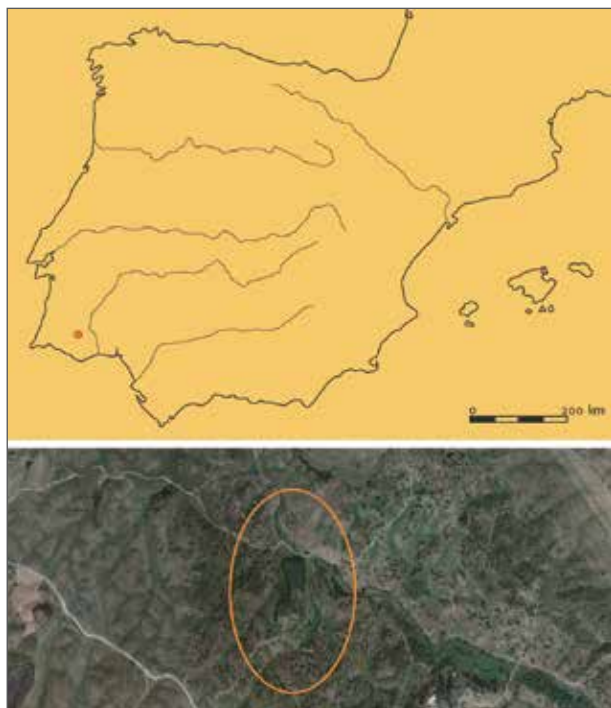


Fig. 1 - Localização de Mesas do Castelinho na Península Ibérica (fonte da foto: *Google Earth*, 2013).

mica campaniense A e B de origem itálica e as produções de provável origem hispânica (Alves, 2014) mas também a frequência significativa de ânforas T-9.1.1.1. usadas no transporte de preparados de peixe (Filipe, 2010, p. 71), de Dressel 1 itálicas e do vale do Guadalquivir destinadas ao transporte de vinho, das multiusos Haltern 70 desta área (Parreira, 2009, p. 55-56, 60-61) ou a abundância de *terra sigillata* itálica de cronologia augustana (Viegas, 2019). As fíbulas do tipo Schüle 4h, tradicionalmente chamadas transmontanas, têm neste povoado dados suficientes para provar a sua produção no Sul da Península Ibérica e o seu uso em ambientes não propriamente militares (Miguez, 2013). Expressivos são também os *simpula* tardo-republicanos usados no serviço do vinho (Fabião, 1999, p. 175-179). E a economia, agora monetizada, mostra bons índices de cunhagens itálicas e hispânicas e sobretudo de dois portos já antigos nas relações do povoado: *Myrtilis* e *Ossonoba* (Fabião, 1998, vol. 2, p. 457-458).

Mas a reforma administrativa de Augusto e o afastamento do sítio dos novos eixos viários ditam o princípio

do fim do povoado que assiste à partida da sua população para outras paragens e nos inícios do século II d.C. o sítio é abandonado (Guerra e Fabião, 2010, p. 485-486).

Entre os séculos IX e XI d.C., uma fortificação omíada sobranceira a um aglomerado residencial, reflexo de um contingente militar que se impõe às comunidades locais, coloca mais uma vez Mesas do Castelinho no mapa e na história (Guerra e Fabião, 2001, p. 172; Fabião e Guerra, 2008, p. 104-105).

Em mais de 30 anos de projecto arqueológico¹ é fácil entender o volume e o peso do acervo material do sítio, valioso para conhecer as ocupações do povoado, da área mais próxima mas também do Sudoeste peninsular. O conjunto dos adornos pessoais de encadear/ensartar, sendo dos mais leves, ganha peso na discussão de questões de cronologia ou dos níveis de sucesso da penetração de artigos de origem mediterrânica.

A historiografia das contas pouco trocada em miúdos

Uma estampa publicada em finais do século XIX constitui, ainda hoje, um marco no tema das contas de colar. Se bem que alguns daqueles conjuntos não configurem propriamente colares, podendo ser alternativamente pulseiras, são essenciais para o estudo destes objectos que formam uma boa parte da cultura material da Idade do Ferro.

A vistosa e colorida produção, da autoria de Estácio da Veiga (V. Fig.2), dos adornos de Fonte Velha de Ben-safrim (Lagos), Cômoros da Portela (S. Bartolomeu de Messines), Milreu (Faro) e Torre de Ares, Tavira (Veiga, 1891, Est. XXVIII) é um valioso documento para o estudo deste tema, já que ali se expõem diferentes matérias-primas.

Mais de meio século depois, a arqueologia portuguesa assiste a uma nova etapa desta temática. Os trabalhos desenvolvidos nos anos 60, 70 e 80 do século XX por Caetano de Mello Beirão e colaboradores no Baixo Alentejo, sobretudo na área de Ourique, providenciam, ainda que nem sempre com dados precisos, novos conjuntos, em diferentes matérias-primas e com distintas origens (*e.g.*: Beirão, 1986; 1990; Beirão e Correia, 1998; Beirão *et alii*, 1985; Dias, Beirão e Coelho, 1970). Esta retoma deste tema dos adornos imprime parte do modelo explicativo da chamada I Idade do Fer-

1 - Para um historial, V. Fabião, 1998, vol. 1, p. 284-330; Fabião e Guerra, 2008; Fabião e Guerra, 2010; Guerra e Fabião, 2010; Estrela, 2010, vol. I, p. 5-8.

Fig. 2 - Contas de Fonte Velha de Bensafrim, Cômoros da Portela, Milreu e Torre de Ares (Veiga, 1891, Est. XXVIII)



ro da região e do restante território meridional actualmente português.

O avanço da disciplina arqueológica, como o de qualquer área científica, faz-se com o uso das ferramentas técnicas e das intrínsecas capacidades dos investigadores. A partir de meados dos anos 90 do século XX estes dois elementos aliam-se no estabelecimento de novos paradigmas. A identificação de inúmeros contextos funerários e habitacionais nas áreas afectas à segunda fase do empreendimento de Alqueva tem providenciado, desde os inícios do novo século/milénio, um bom terreno de investigação.

Têm-se multiplicado nos últimos anos os estudos arqueométricos, essenciais para a identificação das origens das matérias-primas destes materiais e respectivos ritmos de difusão. Outros estudos, de cariz fundamentalmente morfológico, e com preocupações estratigráficas, dão provas essenciais para a caracterização dos sítios em si, mesmo daqueles com escavações antigas, e fornecem novas pistas de análise.

Entre uns e outros, e sem intenções de exposição exhaustiva, destaco alguns dos estudos desenvolvidos no Sudoeste peninsular ou aqueles que, realizados fora desta área, são menções obrigatórias: Arruda *et alii*, 2016; Berrocal-Rangel, 1989; Fabião, 2001; Jiménez Ávila, 1999; 2001; 2002-2003; 2003; García Heras *et alii*, 2003; Gomes, 2014; 2016; Gonçalves *et alii*, 2011; Martín de la Cruz *et alii*, 2004; Martínez Mira e Vilaplana Ortego, 2014; Murillo-Barroso e Martínón-Torres, 2012; Palomar, Peña-Poza e Conde, 2009; Ruano Ruiz, 1995; 1996; 1997; 2001; Ruano Ruiz, Hoffman e Rincón, 1995.

Antes dos dados de Mesas do Castelinho, as contas de outros sítios

As quantidades dos elementos de adorno de Mesas do Castelinho não se equiparam às frequências muito superiores dos contextos funerários da região e de outras áreas do Sudoeste peninsular, conforme se pode observar do

Necrópole	Cornalina	Âmbar	Vidro	Cronologia	Bibliografia
Fonte Santa (Ourique)	2 contas	82 contas	84 contas*(2)	Sécs. VI-V a.C.	Beirão, 1986, 71;73; Arruda, 2001, 283-284
Vinha das Calças 4 (Beja)	2 contas + 1 pingente (flor de lótus / garrafa)		794 contas	Meados séc. VI a.C. - inícios séc. V a.C.	Gomes, 2014, 32 e fig. 3-1, 2 e 3
Mealha-a-Nova (Ourique)	1 pingente (bago de romã)	22 contas	105 contas	Sécs. VI-V a.C.	Dias, Beirão e Coelho, 1979, 178; 182; 183; 200
Padieiro (Odemira)	1 pingente oblongo	2 contas*(3)	91 contas*(3)	2ª metade séc. VI a.C.	Beirão, 1990, 111; 115 - fig.8
Herdade do Gaio (Sines)	6 contas	27?*(4)	224 contas	Séc. VI a.C. possivelmente 2ª metade	Gomes, 2016, 402-404
Fernão Vaz (Ourique)	inexistente	15 contas	27 contas	2ª metade séc. VI a.C.	Beirão, 1986, 105
El Jardal (Badajoz)	inexistente	14 contas	116 contas	Finais séc. V a.C.	Joménez-Ávila, 2001, 116; 118
Palhais (Beja)	inexistente	inexistente	438 contas	Séc. VI a.C.	Santos <i>et. al.</i> , 2009, 761; 763 e fig. 5
Fonte Velha de Ben-safrim (Lagos) *(1)	inexistente	inexistente	258	Séc. VI - inícios séc. V a.C.	Gomes, 2016, 409, 411

*1: escavações de Estácio Veiga.

*2: números aproximados, dado o desconhecimento dos componentes do colar do túmulo 4.

*3: números mínimos, dado o desconhecimento dos componentes do colar do túmulo 3.

*4: matéria-prima não está confirmada.

Fig. 3 - Necrópoles com adornos pessoais de ensartar/encadear nas mesmas matérias-primas das presentes em Mesas do Castelinho.

quadro (V. Fig. 3). Este lista as necrópoles com adornos pessoais de ensartar/encadear nas mesmas matérias-primas das existentes em Mesas do Castelinho e minimamente quantificados. As contagens atendem à totalidade do espólio, sem individualização por túmulo/sepultura.

Outros contextos são de alusão obrigatória: as quase 300 contas vítreas de Los Pajares, Cáceres, de contextos funerários e habitacionais e sobretudo de recolhas de superfície, num sítio datado do século V aos inícios do século IV a.C. (Jiménez Ávila, 1999, p. 140, 144-147, 148); ou, a uma distância geográfica e numérica maior, as 1018 contas vítreas da necrópole de El Cigarralejo, Murcia, utilizada entre os séculos V e II a.C. (Ruano Ruiz, 1997), parte delas com estudos arqueométricos (Ruano Ruiz, Hoffman e Rincón, 1995) e as 56 contas anulares monocromas e oculadas (algumas delas submetidas a arqueometria), presentes em nove sepulturas das 155 da necrópole celtibérica do século II a.C. de *Numantia*, Sória (García Heras *et alii*, 2003, p. 174).

Em linha oposta, estão as meras sete contas em vidro, num total de 46 contas em diferentes matérias-primas, da necrópole de Medellín, Badajoz, em contextos

de meados do século VII a.C. a meados do século V a.C. (Almagro-Gorbea, 2008, p. 395-398) ou as quatro contas do conjunto orientalizante de Talavera La Vieja, Cáceres, associadas a outros elementos de adorno (Jiménez Ávila e Ortega Blanco, 2006, p. 157 - fig. 1, p. 159-160). Estão também as meras cinco contas do Olival do Senhor dos Mártires, Alcácer do Sal - quatro em vidro e uma em cornalina, com contextos desconhecidos de recolha, num sítio ocupado desde meados do século VII a.C. até à época romana (Gomes, 2016, p. 314, 320, 350, Est. CXXXIX e Est. CXLII, nº 1165) e as três contas oculadas do século V a.C. da necrópole do Galeado, Vila Nova de Milfontes (Beirão e Gomes, 1983, p. 225 - fig. 14, nº 6, p. 226, p. 262).

Se algum dia houver a oportunidade de identificar e estudar as diferentes necrópoles de Mesas do Castelinho, outros e alicientes dados serão com certeza boas contribuições para o conhecimento das cronologias, rotas e contextos de difusão destes artefactos.

Em linha, nalguns casos, com a própria dimensão dos sítios e com a sua diacronia de ocupação, estão alguns contextos habitacionais e/ou culturais onde as con-

tas são pouco significativas: no núcleo de Neves-Corvo (Castro Verde), em Fernão Vaz ou no depósito secundário de Garvão (Ourique), em Cancho Roano e Castrejón de Capote (Badajoz). Também são pouco expressivas em âmbito litoral e peri-litoral, como em Castro Marim, Monte Molião (Lagos) e Cerro da Rocha Branca (Silves), em ocupações dos séculos VI-V e IV-III a.C. (Arruda *et alii*, 2016, p. 95). Por outro lado, é clara a grande distância numérica das contas do povoado almodovarense relativamente a Cabeça de Vaiamonte (Monforte) e Porto do Sabugueiro (Salvaterra de Magos).

Em falta, à data, está o estudo das contas vítreas de Azougada (Moura), aparentemente no lote dos materiais mais tardios do sítio, dos séculos IV-III a.C. e conhecidas genericamente (Gomes, 1990, p. 93).

Para Neves I são indicadas duas contas oculadas (Maia, 1985-1986, p. 237) num sítio ocupado entre os meados do século VI a.C. e os finais do século V – inícios do século IV a.C. As contas de Corvo I, em quantidade imprecisa mas possivelmente pouco expressiva, teriam sido recolhidas num pátio onde as taças Cástulo (Maia e Maia, 1996, p. 88) apontavam uma datação de finais do século V – inícios do século IV a.C.

De Fernão Vaz, ocupado entre os meados ou finais do século VI e os meados do século seguinte (Arruda, 2001, p. 220) existiam, em número indeterminado, contas oculadas (Beirão e Correia, 1998, p. 288) como a constante em publicação posterior (Correia e Parreira, 2002, p. 42). O contraste é evidente, em termos de quantidades e proveniência estratigráfica, com os dados da necrópole epónima (V. Fig. 3).

Em Cancho Roano, um colar de 18 contas em vidro e noutras matérias-primas e centrado por um pingente testiforme foi identificado no edifício principal do complexo arquitectónico, do século V a.C. (Jiménez Ávila, 2003, p. 263, 275-276).

No povoado fortificado de Castrejón de Capote, fundado em meados do século V a.C., quatro contas em âmbar depositavam-se sobre o altar do Santuário A, do nível 3, datado dos meados do século IV aos meados do século II a.C. Sete contas em vidro, seis delas oculadas, provinham dos compartimentos contíguos, dentro do nível 2, já após a anulação daquele espaço cultural (meados a finais do século II a.C.), associados a materiais importados relacionados com os contextos da conquista romana (Berrocal-Rangel, 1989, p. 252-254, 257, 259, 268 - fig. 10, nºs 15, 16, 18 e 19, p. 285 - fig. 27, nºs 1-5 e 11-13, p. 292 - fig. 34). Perante estas informações estratigráficas, atrevo-me a sugerir que estas meras 11

contas de Castrejón de Capote indicarão a presença de um único adorno - colar ou pulseira, originalmente relacionado com o espaço cultural.

No depósito secundário de Garvão, datado do século III a.C., oito contas de cornalina (esféricas achatadas, cilíndricas e bitroncocónicas) suplantam cinco contas em vidro monocromo, esféricas ou cilíndricas (Beirão *et alii*, 1985, p. 92-94). O mesmo que sugeri para Castrejón de Capote aponto para as 13 contas deste sítio, embora aqui se relacionem apenas com este espaço anexo e não propriamente com o contexto votivo.

Ainda que estas quantidades reduzidas se enquadrem num padrão, já apontado por outros autores, de uma progressiva redução das importações em vidro de origem mediterrânica no interior, a partir do século IV a.C. (Jiménez Ávila, 1999, p. 149; Fabião, 2001, p. 210) outros factores existirão para explicar a sua parca presença em sítios tão antigos quanto as necrópoles de Medellín ou do Olival do Senhor dos Mártires. Esta raridade verifica-se também em cronologias coevas nos sítios algarvios atrás referidos e os dados de Castro Marim são particularmente expressivos desta diminuição em momentos anteriores, o que ajudará a recuar esta tendência para o século V a.C.

Outros dois locais mostram-se avessos a este panorama e por razões distintas. Da longa e possivelmente contínua ocupação de Cabeça de Vaiamonte do I milénio a.C., existe um conjunto abundante e diversificado: 889 contas em vidro, das quais apenas 24 são oculadas e um numeroso lote de contas em cornalina, não contabilizadas. Infelizmente não se conhecem os seus contextos de recolha. A justificação para este vasto e variado conjunto num sítio interior e periférico poderia estar na sua longa diacronia mas sobretudo na diversidade de centros produtores e de pontos de origem da difusão das contas vítreas. Por outro lado, alguns defeitos nas contas mais frequentes do conjunto poderiam indicar uma produção local, ainda que sem provas evidentes. (Fabião, 2001, p. 200, 202, 207, 210, 212). No Porto do Sabugueiro, na margem esquerda do Tejo, com ocupação iniciada na chamada I Idade do Ferro, foram analisados 228 elementos de adorno. Ainda que não se possa atribuir uma cronologia específica, que pode estar balizada entre os séculos IV-II a.C. ou mesmo I. a.C., existem sinais de uma produção local: fragmentos de contas com deformações e escórias, para lá da monotonia morfológica das contas. Estes objectos seriam distribuídos depois a nível regional (Arruda *et alii*, 2016, p. 82, 88, 93-94, 97).

Os elementos de adorno de Mesas do Castelinho

O que se apresenta e discute constitui uma revisão do estudo destes artefactos do sítio, já apresentado mais ou menos extensamente (Estrela, 2010, vol. I, p. 72-78; 2010-2011). É também uma actualização destes dados, com elementos de adorno entretanto identificados em contextos estratigráficos definidos ou à superfície.

Até ao momento, foram identificados em Mesas do Castelinho 76 elementos de adorno destinados a ser ensartados ou encadeados, elaborados em materiais minimamente diversificados e com diferentes origens: 14 contas e um pingente em cornalina, duas contas em âmbar, 55 em vidro - 25 delas decoradas, e quatro que parecem poder ser em quartzo. O conjunto é relativamente variado em termos de cores e formas, conforme se pode observar no gráfico (V. Fig. 4).

Quartzo?

A ser correcta a atribuição da matéria-prima destas contas, estaremos perante uma rocha bastante abundante em qualquer ponto do planeta, mas que parece não constituir propriamente uma preferência na produção de contas. Em linha com este panorama estarão as meras quatro contas brancas de Mesas do Castelinho, todas cilíndricas (V. Fig. 5). Metricamente, o conjunto é muito uniforme, rondando 0,4 cm de altura e 1 cm de diâmetro. Duas provinham de estratos do século I d.C. e outra da fase de ocupação omíada. Uma quarta encontra-se associada uma conta geminada oculada (V. 5).

Cornalina

A cornalina é totalmente exótica na Península Ibérica (Martínez Mira e Vilaplana Ortego, 2014, p. 913). A au-

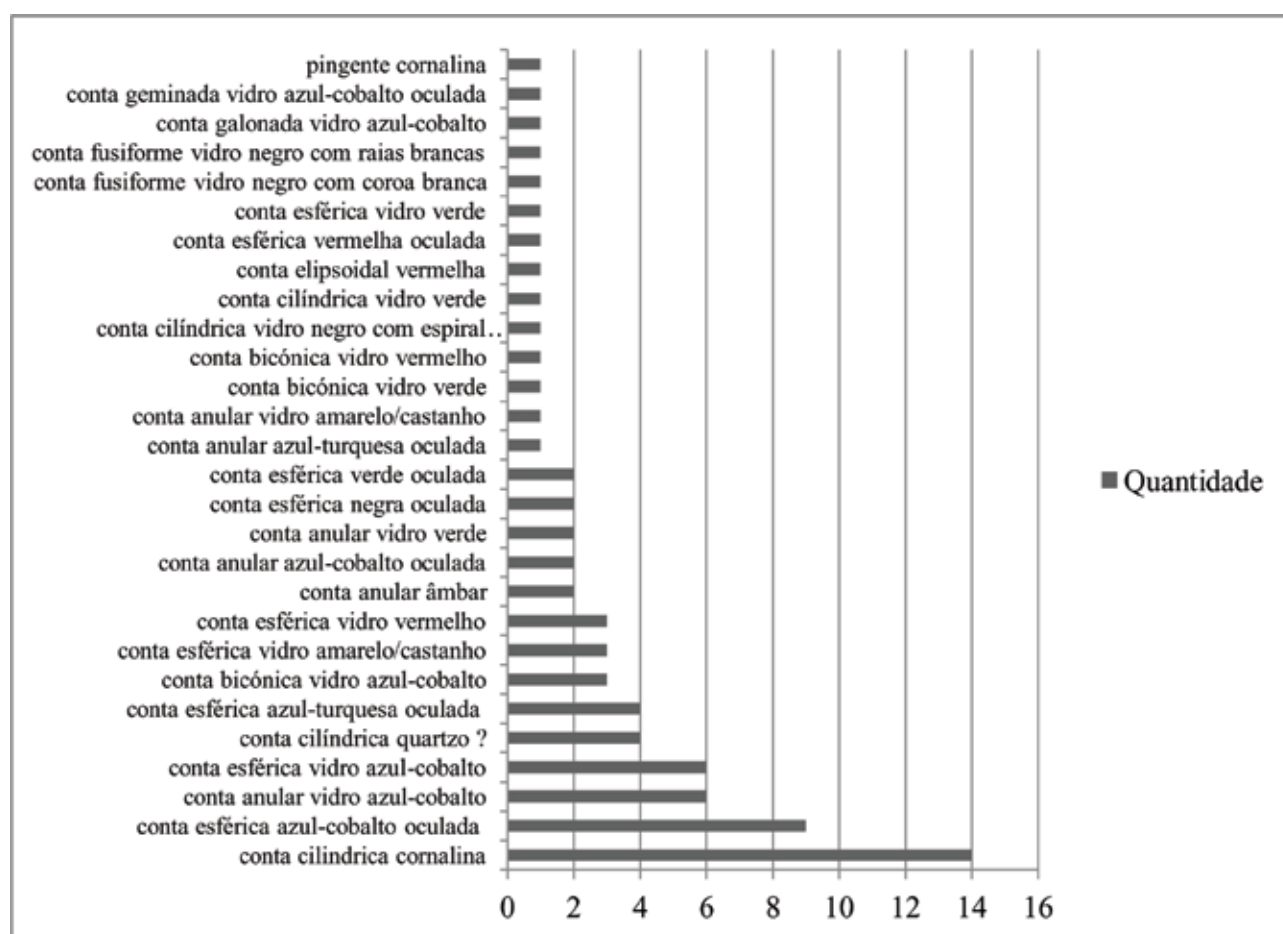
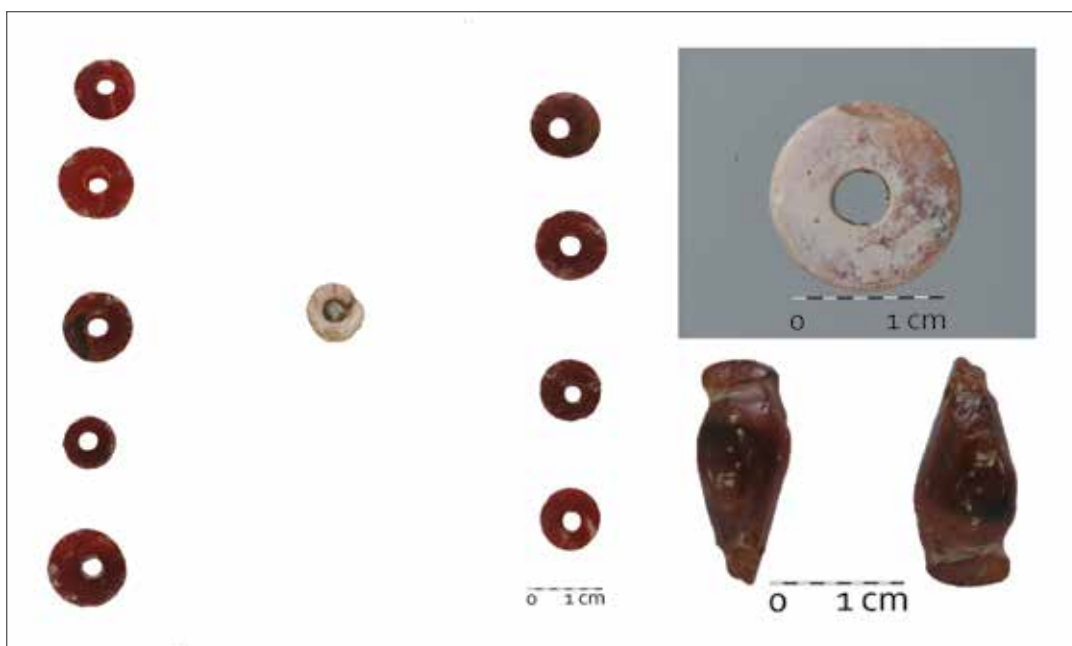


Fig. 4 - Formas, cores e matérias-primas dos adornos de Mesas do Castelinho

Fig. 5 - Contas em cornalina e em quartzo e pingente em cornalina.



sência de estudos específicos sobre este tipo de rocha impossibilita a identificação da origem litológica das contas feitas nesta matéria-prima (Gonçalves *et alii*, 2011, p. 230) ainda que se possa presumir por uma origem egípcia para as importações presentes no Sudoeste peninsular (Martín de la Cruz *et alii*, 2004, p. 16).

As 14 contas de Mesas do Castelinho são cilíndricas e apenas uma delas apresenta perfuração descentrada. Outra apresenta sinais de alteração provocados pela proximidade a uma estrutura de combustão. Metricamente trata-se de um conjunto homogêneo, rondando 0,5 cm de altura e 1 cm de diâmetro mas duas contas são ligeiramente mais longas que as restantes, com cerca de 1,4 cm de dimensão (V. Fig. 5).

Três contas provêm de revolvimentos da superfície, duas surgem na estratigrafia medieval-islâmica. Quatro contas foram identificadas em contextos estratigráficos do século I a.C., presentes nas duas plataformas. Uma destas comporia um adorno, adiante descrito (V. 5). Outras cinco contas estão presentes em contextos de utilização posteriores aos meados do século II a.C., dispersos pelas duas plataformas do sítio.

Existe ainda um pingente em cornalina. Conforme se oriente, tem forma de cápsula de flor de lótus - na posição invertida, ou de garrafa - na posição tipológica.

Surgiu num depósito de derrube de um compartimento do chamado 2º Quarteirão da Plataforma B, cuja associação a materiais cerâmicos importados, nomeadamente

terra sigillata sudgálica, permite uma datação contextual da 1ª metade do século I d.C.

Ao contrário do que sucede em Mesas do Castelinho, a cornalina tem pouca presença nas necrópoles da Idade do Ferro da região, seja naquelas onde os elementos de adorno são muito abundantes (V. Fig. 3), seja naquelas onde eles são mais escassos.

De entre estes, para além da escassez geral das contas de vidro, foi também já citada a raridade da conta em cornalina do Olival do Senhor dos Mártires. Um pingente foi recolhido na necrópole de cistas de Cabeço da Vaca 1 (Alcoutim), datada dos séculos VI-V a.C. (Cardoso e Gradim, 2006, p. 211, 214 - fig. 15 nº 1, 215 - fig. 16 nº 1, 222).

Esta fraca representatividade estender-se-á a datas mais antigas: uma conta elipsoidal na reutilização do Bronze Final do monumento nº 1 do Lousal, Grândola (Cardoso, 2004, p. 206); um pingente no pequeno povoado aberto dos finais da Idade do Bronze de Monte do Outeiro 2, Reguengos de Monsaraz (Mataloto, 2012, p. 207 e fig. 23).

Contrariando esta situação, temos, para além dos 15 adornos de Mesas do Castelinho, as oito contas em cornalina do depósito secundário de Garvão, do século III a.C., e a sua presença em povoados com ocupações do Bronze Final e da chamada I Idade do Ferro dos actuais concelhos de Moura e Serpa: nas duas ocupações do Castro dos Ratinhos (Gonçalves e Soares, 2010, p. 389-392); no povoado fortificado do Álamo ocupado no Bronze

Final; do povoado aberto de Salsa 3, com ambas as cronologias representadas, provém um pingente (Gonçalves *et alii*, 2011, p. 227-228 e fig. 1) do “silo” 2², que, por associação a ossos ligeiramente queimados de *bos taurus* datados pelo radiocarbono, é datável do século VI ou V a.C. (Deus, Antunes e Soares, 2009, p. 522).

A matéria-prima é relativamente frequente em alguns sítios da área de Cádiz e Málaga mas também em sítios do interior, na área de Córdoba, entre os finais do século IX a.C e os inícios do século seguinte (Martín de la Cruz *et alii*, 2004; Torres Ortiz, 2013). Nos povoados alicantinos de Peña Negra e La Fonteta, ocupados, respectivamente, entre 850-750 e 760-550 a.C. existiam muitas contas em cornalina (Martínez Mira e Villaplana Ortego, 2014). Adornos destes faziam parte do tesouro de Ébora (Cádiz) dos séculos VI-V a.C (Torres Ortiz, 2013, p. 2) e das oferendas do santuário de La Algaida (Cádiz), visitado entre os séculos VI e II a. C. (López Amador e Ruiz Gil, 2010, p. 440). A matéria-prima era também abundante nos colares da necrópole dos séculos IV-III a.C. de Puig des Molins, Ibiza (San Nicolás Pedraz, 1986, p. 66-67, 92 - fig. 17, 93 - fig. 21).

Existe também no colar de Cancho Roano (Jiménez Ávila, 2003, p. 275-276) e, em apreciável número, em Cabeça de Vaia Monte, (Fabião, 2001, p. 212), em ambos os casos não contabilizada.

Aparecem ainda nos contextos funerários do século II d.C. da Andaluzia oriental e no âmbito da reutilização de construções megalíticas, como em La Encantada III e Carpocharanes II (García Sanjuán, Garrido González e Lozano Gómez, 2007, p. 115) mas também em Torre de Ares (Pereira, 2014, vol. I, p. 162; vol. II, 23.5 e 130.15), cujos indicadores cronológicos são imprecisos mas que se concentrarão nos séculos I e II d.C. (Pereira, 2014, p. 218-219).

Uma leitura que resulta desta listagem é, por um lado, a da presença constante, e desde tempos da primeira metade do I milénio a.C., destas contas e pingentes no litoral meridional peninsular. O mesmo se pode apontar em área interior nos sítios das áreas de Serpa, Moura e Córdoba. Neste sentido, as contas de cornalina presentes nos sítios baixo-alentejanos de Garvão e Mesas do Castelinho, perfeitamente interiores, podem estar a indicar um certo dinamismo da difusão desta matéria-prima para esta área a partir do século III a.C., dada a contemporaneidade daquele depósito secundário com uma das etapas do povoado. Este dinamismo prolongar-se-á até ao

século I a.C., atendendo à presença destes elementos em contextos de utilização de época romana republicana de Mesas do Castelinho. O peso que algumas delas têm, em contextos de utilização do século II a.C. pode estar a dar sinais de que esta difusão se relaciona com a presença de tropas romanas na região.

Um pingente em cornalina de um contexto de época romana é de menção obrigatória, tanto mais que mostra semelhanças com o de Mesas do Castelinho: o recolhido por Estácio da Veiga em Torre de Ares (Veiga, 1891, Est. XXVIII, nº 10).

Constava de um colar composto também por contas em vidro e em vértebras de peixe, identificado “ (...) *nos terrenos das ruínas de Balsa (...) cidade préromana (...) em planos (...) inferiores aos dos alicerces dos edifícios arrasados (...)* ” (Veiga, 1891, p. 260) e volta a ser referido mais tarde (Nolen, 1994, p. 207, 208-div.6; Est.34-div.6). Estes elementos reportam-se, afinal a contextos funerários, concretamente aos da necrópole Norte da cidade de Balsa, ocupada entre os finais do século I a.C. e, pelo menos, o século V d.C., mas sobretudo concentrada nos séculos I e II d.C. (Pereira, 2014, vol. I, p. 162, 218-219; vol. II, Est. 24.1). Como sabemos hoje, não se conhecem quaisquer vestígios minimamente seguros de uma ocupação pré-romana no local, pelo que, concordando com o já sugerido anteriormente, estes adornos deverão pertencer a época romana (Viegas, 2011, p. 272).

Possivelmente, e atendendo à cronologia imputável aos adornos em cornalina de Mesas do Castelinho, os pingentes destes dois contextos romanos poderão ser balizados de um intervalo mais pequeno, em torno dos finais do século II a.C., perdurando a sua utilização em Torre de Ares para além da passagem de era. A estar correcta a datação agora proposta para estes pingentes, estaremos perante sítios do actual território português cujas ocupações de época romana podem estar a dar sinais da manutenção da aquisição de peças como estas em períodos mais recentes, num cenário onde o Mediterrâneo joga um papel importante. Faltam-nos, porém, dados mais concretos, até de outros sítios do Sudoeste peninsular, para tornar esta proposta numa certeza.

Âmbar

A arqueometria atesta a fama das importações de âmbar báltico em sítios pré-históricos a Norte do Ebro. Pau-

latinamente atinge, durante a proto-história, o centro e o Sul da península. Outro foco natural de âmbar é siciliano, e o mesmo tipo de estudos provam a sua difusão durante a pré-história para o Sudoeste peninsular (Murillo-Barroso e Martínón-Torres, 2012, p. 207, 208). O mesmo sucede com o âmbar naturalmente presente no Norte e Noroeste, explorado desde tempos pré-históricos (Cerdeño *et alii*, 2012, p. 376).

As duas contas em âmbar de Mesas do Castelhinho estão ambas fracturadas mais que uma vez³. No entanto é possível apurar que são anulares, rondando 1,2 cm de diâmetro.

Os seus contextos de recolha falam de cronologias do século I a.C. Uma delas agrega-se a três contas em vidro presentes numa ocupação do chamado complexo de construções do século I a.C., edificado na Plataforma A do sítio (V. 5).

As contas em âmbar são relativamente frequentes em contextos funerários da Idade do Ferro localizados em paragens interiores e litorais (V. Fig. 3).

Em datas dos finais da Idade do Bronze, e em poucas quantidades, surge nos contextos da Quinta do Marcelo, Almada e da Coroa do Frade, Évora (Murillo-Barroso e Martínón-Torres, 2012, p. 205) e da reutilização da *tholos* de Nora Velha, Ourique, Abel Viana recolheu nove exemplares (Gomes, 2016, p. 35).

Ocorre por quatro vezes sobre o altar do Santuário A do povoado fortificado de Castrejón de Capote, num contexto de meados do século IV a meados do século II a.C. (Berrocal-Rangel, 1989, p. 252-254, 268 - fig. 10, nºs 15, 16, 18 e 19, p. 292 - fig. 34).

Ainda que não existam estudos que provem a origem do âmbar nos sítios atrás citados, a presença de âmbar báltico em contextos funerários da Idade do Ferro da actual Andaluzia, como em Palacio III, Sevilha (Murillo-Barroso e Martínón-Torres, 2012, p. 193, 208 - fig. 10, nº 68), sugere, dada a geografia, que a matéria-prima presente na região baixo-alentejana teria a mesma origem. Um ponto fulcral das intensas rotas comerciais de materiais bálticos passaria pela Península Itálica, pelo menos desde o século VII a.C., parecendo destronar as produções sicilianas, tão presentes em períodos pré-históricos (Murillo-Barroso e Martínón-Torres, 2012, p. 210).

Os dados de Mesas do Castelhinho, dada a escassez de contas em âmbar, são pouco significativos no momento de tentar interpretar mecanismos e ritmos de difusão destas contas. No entanto, parece evidente um certo declí-

nio na produção e obtenção destas contas conforme vai avançando o I milénio a.C., porventura negligenciadas a favor da cornalina. Um tanto ou quanto contra esta hipótese, está o facto de que estas contas, como outras em outras matérias-primas, terem feito parte de colares ou de outros adornos. A este respeito, os dados de Mesas do Castelhinho são especialmente relevantes, uma vez que uma conta em âmbar se reúne a três contas em vidro (V.5), da mesma forma que é certa também a associação a outras contas em alguns dos contextos funerários mais antigos mencionados.

Vidro

O vidro é uma criação egípcia do III milénio a.C., mais tarde difundida por todo o Mediterrâneo. Conheceu fabrico na Península Ibérica, concretamente em Ibiza (Ruano Ruiz, 1997, p. 26), e possivelmente na área de Múrcia (Ruano Ruiz, Hoffman e Rincón, 1995, p. 198). Dados recentes apontam a sua produção em Porto do Sabugueiro, Salvaterra de Magos (Arruda *et alii*, 2016).

A atribuição tipológica e cronológica das contas em vidro de Mesas do Castelhinho seguiu os parâmetros estabelecidos por Ruano Ruiz (1996).

Ainda que no conjunto de contas em vidro de Mesas do Castelhinho domine o azul-cobalto e a forma esférica (V. Fig. 3), ele é ao mesmo tempo tipologicamente diversificado e colorido, com oito morfologias e seis cores distintas. Vai um pouco ao encontro da diversidade observada em Cabeça de Vaiamonte, com nove tipos e oito cores (Fabião, 2001, p. 203-204), distinguindo-se claramente da monotonia cromática e morfológica patente nas contas de Porto do Sabugueiro, onde o azul-cobalto domina um conjunto formado por apenas três formas (Arruda *et alii*, 2016, p. 88). Note-se que são dois sítios onde as contas em vidro são mais abundantes que em Mesas do Castelhinho: 889 contas em Cabeça de Vaiamonte e 148 contas classificáveis no Porto do Sabugueiro.

Estes dois sítios têm em comum com Mesas do Castelhinho ocupações importantes da segunda metade do I milénio a.C. (Fabião, 1996, p. 48-61; Arruda *et alii*, 2016, p. 82-83) mas por razões distintas, tornava-se difícil datar estes materiais: em Cabeça de Vaiamonte, fruto das características das escavações de Manuel Heleno (Fabião, 2001, p. 202), no Porto do Sabugueiro porque a maioria das contas foi recolhida à superfície e um número mino-

3 - Por essa razão não se representam.

ritário provinha de escavação, mas de níveis revolvidos (Arruda *et alii*, 2016, p. 87).

Já Mesas do Castelinho, apesar de um conjunto francamente diminuto, fornece informação contextual importante para a atribuição cronológica e para o entendimento dos mecanismos e ritmos de produção e aquisição destes artefactos de adorno.

Contas em vidro monocromas

As contas em vidro azul-cobalto imperam este subconjunto, com 16 exemplares. Menos presentes e com cinco exemplares em cada uma das cores estão as contas verdes e as vermelhas e quatro contas são de tons amarelos/castanhos. Existem assim 30 contas vítreas monocromas em Mesas do Castelinho, equivalendo a 54,54% do conjunto de contas em vidro e a 39,47% do conjunto dos adornos do sítio.

Por ordem de representatividade de formas, estas 30 contas monocromas estão assim distribuídas: 13 contas esféricas, nove de forma anular, cinco bicónicas, uma elipsoidal, uma cilíndrica, uma galonada.

4.4.1.1. Contas esféricas

As contas esféricas conhecem produção entre os séculos VIII-II a.C. e, à semelhança das frequências de Mesas do Castelinho, encontram-se bastante difundidas nos sítios da Idade do Ferro do Sudoeste peninsular.

As 13 contas esféricas de Mesas do Castelinho distribuem-se, por ordem de representatividade por seis azuis-cobalto, três vermelhas, três amarelas/castanhas, uma verde (V. Fig. 6A). Das seis azuis-cobalto, uma é tão pequena que pode ser designada como missanga. O mesmo acontece com as três contas vermelhas. As suas dimensões mostram diâmetros inferiores a 0,4 cm e 0,3 cm de altura. As restantes contas esféricas monocromas distribuem-se por diâmetros ligeiramente maiores (0,6-1 cm) e apenas uma, ainda que fragmentada, mostra dimensões superiores. Esta reúne-se a três contas (V.5).

Uma conta resulta de recolhas superficiais. Duas surgem em outros tantos contextos de utilização da Rua 1 do século I d.C., e outra num nível de abandono daquele século localizado a Oeste daquela rua. Outra foi encontrada num estrato do século I a.C. daquela via de circulação. Todas as atrás mencionadas estavam em situação pós-deposicional.

Duas contas esféricas resultaram da escavação de outros tantos pisos do chamado complexo de construções do século I a.C., no Sector A1, analisados nas primeiras publicações do Projecto Mesas do Castelinho. A cronologia destes níveis de utilização e as deposições justapostas e sobrepostas a eles permitem falar de uma deposição ocorrida entre os finais do século II a.C. e os finais do 3º quartel do século I a.C. (Fabião e Guerra, 1994, p. 280). Outra surgiu num compartimento situado junto do talude superior oriental do sítio, no actual sector em escavação, com ritmos de ocupação muito semelhantes aos daquele conjunto arquitectónico do Sector A1. Outras três contas estão na estratigrafia da data inferior deste intervalo cronológico e duas pequeníssimas contas reúnem-se na estratigrafia da 1ª metade do século III a.C. (V. 5).

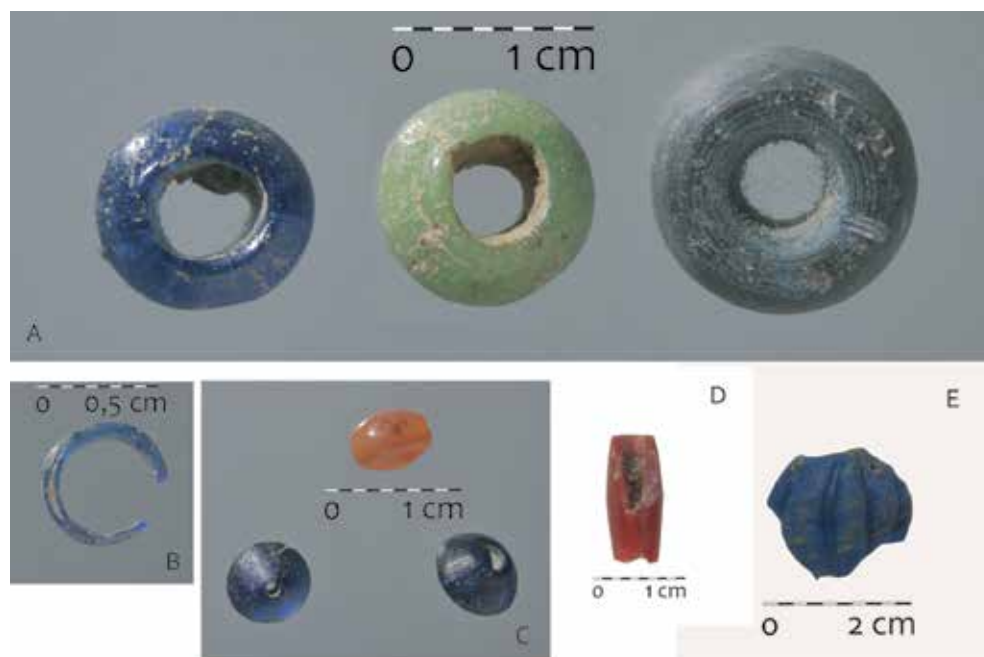
Em suma, será possível entender que a extensa maioria destas contas esféricas estará fora do seu contexto de utilização primário, o qual, e atendendo às suas áreas de escavação, aponta para uma cronologia do século II a.C. coincidente com a etapa final da ocupação da Idade do Ferro, porque a estratigrafia subjacente (naquela porção do Sector A1 e na Rua 1) não mostra as preexistências dos últimos momentos da ocupação da Idade do Ferro, algures entre os finais do século III a.C. e o início da ocupação de época romana. Por outro lado, esta hipótese não invalida a possibilidade de fazerem parte do lote dos materiais importados presentes nas ocupações mais antigas da Idade do Ferro, já que a cronologia da produção destas contas integra a cronologia desta ocupação de Mesas do Castelinho, para mais representada pelas pequenas missangas presentes numa estratigrafia balizada entre a 2ª metade do século IV e a 1ª metade do século III a.C. (V.5).

4.4.1.2. Contas anulares

As contas de forma anular conhecem o mesmo intervalo amplo de produção das contas esféricas.

Em Mesas do Castelinho, das nove contas anulares monocromas, seis são azuis-cobalto (V. Fig. 6A), duas são verdes e outra é amarela/castanha. Das seis azuis-cobalto, quatro são missangas, com diâmetros da ordem dos 0,3 cm e altura de 0,2 cm. As restantes mostram diâmetros e alturas superiores (0,6 cm e 0,3 cm, em média e respectivamente). Algumas destas relacionam-se com outras contas, presentes na estratigrafia de época romana mais ou menos antiga (V.5).

Fig. 6 - Contas monocromas em vidro (A, B e C: fotos de Francisco Almeida)



Uma conta foi recolhida em limpezas de corte. A duas contas verdes é imputável uma cronologia contextual do século I d.C., dispersas por momentos de utilização da Rua 1. Outra surgiu numa utilização da 2ª metade do século I a.C. de um compartimento virado para a Rua 3.

Por fim, existe uma conta de forma anular algo *sui generis*. Trata-se de uma conta azul-cobalto, com perfuração larga e aro muito fino, perfazendo um diâmetro máximo de 0,6 cm e uma altura inferior ao milímetro, o que pode ser entendido como missanga (V. Fig. 6B). Foi identificada num piso da 1ª metade do século IV a.C. localizado a Sul do chamado complexo de construções do século I a.C., na mesa superior.

As mesmas conclusões retiradas na leitura da estratigrafia e cronologia das contas esféricas podem ser entendidas para as contas de forma anular. Uma pequena diferença, porém, se revela numa das contas de forma anular: a sua integração na fase fundacional do povoado, perfeitamente dentro da cronologia de produção destas contas.

4.4.1.3. Contas bicónicas

As contas bicónicas estão datadas entre os finais do século VI e os inícios do século II a.C., de acordo com

Ruano Ruiz (1996, p. 66).

As contas com esta forma presentes no sítio distribuem-se por três contas azuis-cobalto, uma conta verde e uma conta vermelha. Metricamente são muito homogêneas, com diâmetros máximo com cerca de 1,7 cm e altura máxima de cerca de 0,4 cm. Já a conta vermelha pode ser vista como bitroncocónica, ainda que na essência integre este grupo (V. Fig. 6C).

Uma das contas azuis-cobalto surgiu num nível superficial de escavação da plataforma inferior e uma outra, vermelha, num enchimento de vala de roubo de muro ocorrido durante a ocupação omíada desta mesma plataforma mas as restantes fornecem cronologias contextuais de época romana republicana, mais ou menos antigas. Uma delas integra uma remodelação do complexo arquitectónico de época romana do Sector A1, ocorrida algures no século II a.C. e as outras surgem reunidas com outras contas vítreas presentes na estratigrafia da 2ª metade do século I a.C. (V.5).

As mesmas leituras quanto a situações de deposição e cronologia das contas esféricas e anulares podem ser estendidas a estas contas bicónicas, embora pareça ser relativamente relevante a cronologia antiga do momento de remodelação romano republicano, algo discordante com as cronologias dos finais da produção deste tipo de contas.

4.4.1.4. Conta elipsoidal

Esta forma conheceu produção entre os séculos VII e II a.C. No sítio apenas existe um exemplar vermelho (Fig. 6D), num piso da 1ª metade do século I a.C. da Rua 1.

Esta forma não é muito frequente: uma conta vítrea na necrópole de cistas da Herdade do Gaio (Gomes, 2016, p. 402); quatro na necrópole de El Cigarralejo (Ruano Ruiz, 1997, p. 34); uma no povoado de Castillo de Doña Blanca, Cádiz, datada do século IV a.C. (Ruano Ruiz, 2001, p. 58). Estes exemplares são todos maiores que o exemplar de Mesas do Castelinho. Atendendo às dimensões da conta, o paralelo mais aproximado é o da necrópole da Herdade do Gaio (Costa, 1974, p. 103 e fig. 7, nº 14). Uma conta semelhante existe em Conímbriga, onde é exemplar único e descontextualizado (Alarcão *et alii*, 1976, p. 212, 214 - nº 333, p. 231 - planche XLVI, nº 333). Já o contexto estratigráfico da peça de Mesas do Castelinho autoriza uma situação pós-deposicional.

4.4.1.5. Conta cilíndrica

As contas cilíndricas conhecem produção entre os séculos VII a II a.C. No povoado apenas existe um exemplar monocromo, em tons verde petróleo, reunido com contas oculadas num contexto da 1ª metade do século I d.C. (V.5). Trata-se de um exemplar alongado, com 0,7 cm de comprimento por 0,6 cm de largura.

Esta forma não será muito usual. O único paralelo morfológicamente mais aproximado, reunido a duas contas cilíndricas policromas, também elas importantes para a atribuição de paralelos com uma peça de Mesas do Castelinho (V. 4.4.2), está patente na colorida estampa de Estácio da Veiga, nomeadamente no adorno de Milreu (Veiga, 1891, Est. XXVIII, nº 9).

Estas contas foram recolhidas (...) *abaixo dos alicerces dos edifícios, indicando porventura a cota de nível do plano correspondente à primeira idade do ferro (...)*” (Veiga, 1891, p. 260) mas parece ser impossível sustentar esta preexistência nesta *villa* e, ainda que sem outros materiais romanos antigos, uma outra leitura para a presença destas contas neste local propõe a sua cronologia republicana (Teichner, 1997, p. 145-147). O mesmo já não sucede com a peça cilíndrica de Mesas do Castelinho e ainda que se possa imputar uma situação secundária para a sua deposição, a sua reunião a três contas num contexto datado por materiais cerâmicos importados da 1ª metade do século I d.C. obriga a reequacionar a cronologia da sua produção.

Em busca de paralelos morfológicos coevos ao do contexto de Mesas do Castelinho, atrevo-me a apontar o do acampamento romano de *Vindolanda*, a sul da Muralha de Adriano, no Norte de Inglaterra e junto da fronteira com a Escócia, onde há um conjunto numeroso de contas em vidro dos séculos I e III d.C. produzidas a nível regional. Em concreto, o paralelo revela uma peça em vidro azul com 1,25 cm de comprimento (Hoffman, 2003, p. 41, 43 - fig.2, nº 15), um pouco maior que a conta de Mesas do Castelinho.

A estar minimamente certo este paralelo, estaremos perante uma mescla de elementos culturais: os mediterrânicos das contas oculadas de Mesas do Castelinho que se reúnem a este elemento britânico (V.5). A ser correcto, o contexto estratigráfico de Mesas do Castelinho integra a produção destas contas.

4.4.1.6. Conta galonada

As contas galonadas surgem na Península Ibérica entre os séculos VII-VI a.C., em necrópoles da área de Málaga e difundem-se, nos séculos V e IV, por Ibiza, Levante e Meseta, terminando a sua produção no século III a.C.

Em Mesas do Castelinho existe um exemplar apenas, azul-cobalto, recolhido no nível superficial do Sector A1 e portanto fora do seu contexto primário. A peça está fragmentada mas é possível observar que tinha dimensões razoáveis, com cerca de 2 cm de altura e talvez outros tantos de diâmetro máximo (V. Fig. 6E).

A forma é relativamente usual, com 18 presenças em Cabeça de Vaiamonte (Fabião, 2001, p. 203-204, 209-fig.7); seis no Porto do Sabugueiro (Arruda *et alii*, 2016, p. 89-fig.5); duas contas em Castillo de Doña Blanca, datadas do século IV a.C. (Ruano Ruiz, 2001, p. 58); uma na necrópole do Olival do Senhor dos Mártires (Gomes, 2016, p. 314).

Atendendo à cronologia da produção destas contas, o exemplar de Mesas do Castelinho poderia ter estado presente na ocupação da Idade do Ferro.

Contas em vidro policromas

As contas bicromas e policromas constituem 45,45% do conjunto de contas em vidro de Mesas do Castelinho. Distribuem-se, a nível morfológico, por 18 contas esféricas, três anulares, duas fusiformes (bicromas), uma conta cilíndrica com espiral, uma conta geminada oculada. O cálculo deste subconjunto apresenta assim 25 contas.

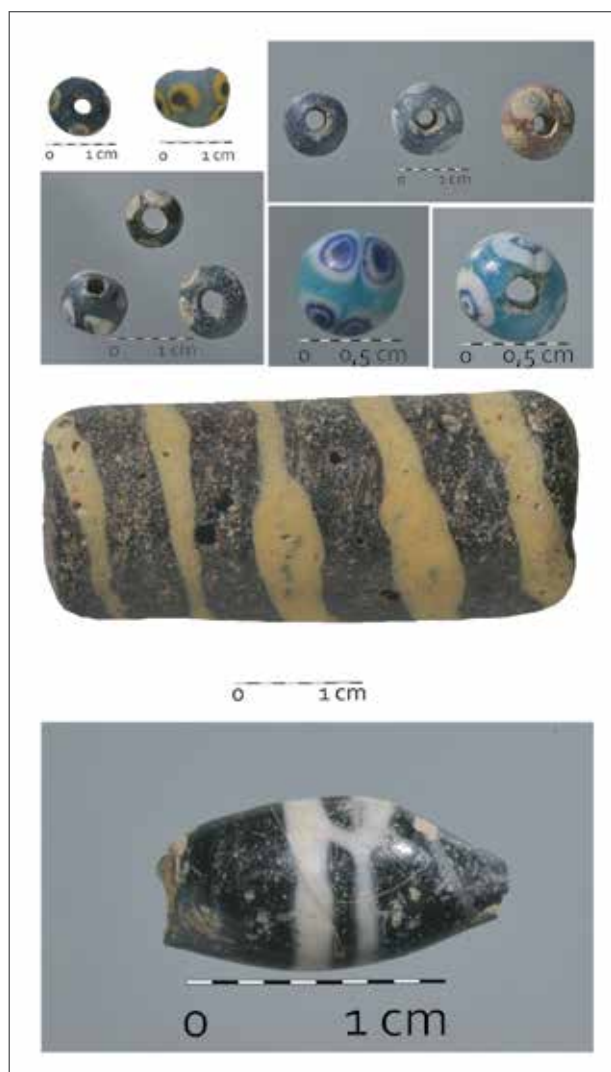


Fig. 7 - Contas policromas (contas sobre fundo cinza e conta cilíndrica decorada: fotos de Francisco Almeida).

As 22 contas oculadas representam 40% das contas em vidro e 29,3% no total do conjunto de Mesas do Castelhinho. A sua produção ocorre entre os séculos VIII e II a.C. Destas 22 contas oculadas, 10 reúnem-se a outras contas em adornos presentes em níveis de cronologia romana mais ou menos antigos (V.5), o que será sintomático de uma manutenção, se não da aquisição de contas nestas cronologias, pelo menos da tradição da sua utilização.

O domínio das contas esféricas é evidente, representando 72% deste subconjunto e 32,7% do conjunto total de contas em vidro de Mesas do Castelhinho. Uma aparente monotonia cromática parece instalada, com a preferência pelos tons azuis, presentes por 18 vezes em contas de fun-

do azul-cobalto e por quatro vezes em contas com fundos azuis-turquesa. Menos representados estão os fundos verdes (duas contas), os fundos negros (duas contas) e os fundos vermelhos (uma vez).

As contas de forma anular e oculadas mostram a mesma combinação de cores nos olhos, sejam as suas bases em azul-cobalto ou turquesa.

Quase todas as contas esféricas oculadas, independentemente da cor de base, mostram olhos estratificados a branco e em azul-cobalto. A exceção constitui uma conta de fundo azul-turquesa com olhos em amarelo e azul-cobalto, reunida com outras contas (V.5). Uma conta com fundo azul-turquesa denuncia uma produção cuidada, num exemplar de pequenas dimensões (V. Fig. 7).

Em termos estratigráficos, as contas oculadas distribuem-se desde níveis superficiais até contextos da Idade do Ferro. No entanto, a maioria delas encontra-se nas ocupações de época romana, mais ou menos antiga, por vezes reunidas em conjuntos (V.5).

Das identificadas isoladas, a sete é possível imputar uma cronologia contextual do século I a.C., estando presentes em episódios de utilização e derrube da plataforma B. Já a pequena conta esférica azul-turquesa oculada está perfeitamente integrada na estratigrafia da Idade do Ferro, mais concretamente, entre os finais do século V a.C. e a 1ª metade do século seguinte. Surgiu no miolo da muralha oriental do povoado, nos trabalhos de minimização realizados por Carlos Jorge Ferreira em 1987.

Uma das situações de exceção, a nível da forma das contas oculadas, é uma conta geminada de fundo azul-cobalto, com olhos estratificados a branco e no mesmo tom de azul, presente na estratigrafia da Idade do Ferro do sítio. Encontra-se associada a outros elementos de adorno imputáveis à 2ª metade do século IV a.C (V.5).

Conhece razoável quantidade de paralelos: um exemplar de Los Pajares datado de entre o século V e os inícios do século seguinte (Jiménez Ávila, 1999, p. 145, 146-fig.3, nº2, p. 148); num conjunto de 22 contas da sepultura 1 da necrópole de cistas de Corte Margarida (Aljustrel), datada do século VI a.C. (Deus e Correia, 2005, p. 617-fig. 2, p. 618); na necrópole de cistas de Fonte Velha de Bensafrim, datada entre o século VI e os inícios do século seguinte (Veiga, 1891, Est. XXVIII, nº 4; Gomes, 2016, p. 409, 411) e faz parte de um colar com 57 contas proveniente de Ampúrias, Girona, datado dos séculos V-IV a.C. (Almagro-Gorbea e Alonzo Cereza, 2009, p. 86-87). Em Porto do Sabugueiro existe um exemplar monocromo, também designado segmentado, da Idade do Ferro ou de época romana republicana (Arruda *et alii*, 2016, p. 91-figs. 14 e 15).

Outra conta excepcional é cilíndrica alongada (4 cm

de comprimento por 1,6 cm de largura), de fundo negro e decorada com espirais onduladas amareladas, ou com raias em espiral (V. Fig. 7), recolhida num aterro de um compartimento do chamado complexo de construções do século I a.C. do Sector A1.

Não existem muitos exemplares conhecidos na Península Ibérica: uma num colar composto por 40 contas, encontrado em Ampúrias, datado dos séculos V-IV a.C. (Almagro-Gorbea e Alonzo Cereza, 2009, p. 84, 85 – nº 27); outra na necrópole de Puig des Molins, utilizada entre os séculos V e II a.C. (Ruano Ruiz, 1996, p. 58-fig.11, nº 3, p. 62); duas nos túmulos 4 e 5 da necrópole da Herdade do Pêgo (Ourique), datadas por Haevernick dos séculos VI-V a.C. (Dias, Beirão e Coelho, 1970, p. 217, 219).

Surtem também em contextos funerários de época romana. Dois exemplares procedem da *villa* romana de Milreu, das escavações de Estácio da Veiga, associados a outras duas contas (Veiga, 1891, Est. XVIII, nº 9), sendo uma delas cilíndrica monocroma (V. 4.4.1.5). Felix Teichner considera insustentável a cronologia da Idade do Ferro atribuída por Estácio da Veiga e propõe uma datação romana republicana (Teichner, 1997, p. 145-147). Esta proposta, perfeitamente cabível na cronologia de produção destas contas, pode estar a indicar uma cronologia similar para o exemplar de Mesas do Castelinho, atendendo à proximidade cronológica do seu contexto de recolha. No entanto, o mesmo poderá fazer parte do lote de importações mais antigas do povoado, ainda dentro da ocupação da Idade do Ferro, atendendo à cronologia inicial de produção, em torno do século V a.C. Certa é a sua situação pós-deposicional.

As duas contas fusiformes presentes em Mesas do Castelinho apresentam descritores métricos similares. Ainda que ambas fragmentadas, oscilam entre 1,6 cm de comprimento por 1 cm de largura e ambas apresentam fundos negros. Já as decorações, a branco, são distintas: uma apresenta raias (V. Fig. 7) e a outra tem uma coroa também branca a meio do seu comprimento. Esta conta reúne-se a outras, num contexto estratigráfico da 2ª metade do século I a.C. (V.5). A raiada foi identificada num momento de abandono em torno do século I a.C.

Não são propriamente estas as cronologias desta forma que surge, em dimensões muitas vezes superiores às dos exemplares de Mesas do Castelinho, desde o século VI a.C. Assim, datada deste século e do século seguinte está a conta fragmentada do túmulo 1 da necrópole da Herdade do Pêgo (Dias, Beirão e Coelho, 1970, p. 217, 219) as grandes contas, com mais de 10 cm, que compõem parte do colar do túmulo 33 da necrópole alicantina de La Albufereta, datado da 2ª metade do século IV a.C. (Ruano Ruiz, 1995, p. 194-196), as quatro contas monocromas do

conjunto funerário orientalizante de Talavera La Vieja, Cáceres (Jiménez Ávila e Ortega Blanco, 2006, p. 157 - fig. 1, p. 159-160); a também fragmentada presente no colar da inumação 1 da necrópole de Palhais (Beja), datada do século VI a.C. (Santos *et alii*, 2009, p. 761, 763, fig.5), os dez exemplares monocromos de Cabeça de Vaiamonte, em contextos desconhecidos de recolha (Fabião, 2001, p. 203-204, 209 - fig.8).

Atendendo às dimensões das peças fusiformes de Mesas do Castelinho mas também à sua procedência estratigráfica, uma hipótese a necessitar de confirmação com outros contextos coevos, seria a da produção tardia destas contas mais pequenas, porventura já em época romana republicana.

A estratigrafia contada de Mesas do Castelinho

Em qualquer das fases de ocupação de Mesas do Castelinho, a terra impera nas construções, sob a forma de taipa e adobe, e o sítio enterra-se a si próprio com a degradação dos diferentes edificadros (Guerra e Fabião, 2010, p. 464; Fabião e Guerra, 2010, p. 329-330). Apenas o registo estratigráfico rigoroso habilita a observação das diferentes etapas de vida do sítio.

É possível apurar até ao momento sete conjuntos de contas reunidas em outros tantos adornos. Apenas dois se enquadram na estratigrafia da Idade do Ferro. Os restantes foram identificados em contextos de cronologia romana mais ou menos avançada dentro das ocupações do povoado (V. Fig. 8). Alguns destes conjuntos de época romana devem ser lidos como resultantes de fenómenos pós-deposicionais. Mas a identificação de mais do que uma conta no mesmo estrato ou em estratos que se relacionam directamente num compartimento é um factor importante para a atribuição destes conjuntos.

Numa remodelação do Ambiente IX do Sector B3, na plataforma inferior do sítio, foi recolhido um conjunto de quatro contas em vidro: três oculadas (esféricas e de forma anular), com fundos verdes e azul-turquesa e olhos estratificados a branco e azul-cobalto e uma conta cilíndrica em verde petróleo (V. Fig. 9A) com possíveis paralelos no acampamento britânico de *Vindolanda* (V. 4.4.1.5). A presença de *terra sigillata* itálica data esta remodelação da 1ª metade do século I d.C.

Na plataforma A, no Sector A3, junto do talude ocidental, em dois derrubes sucessivos, foram identificadas quatro contas reunidas, todas em vidro: duas azul-cobalto e anulares muito pequenas (missangas), uma esférica oculada com fundo negro e olhos estratificados a branco e azul-cobalto e uma esférica oculada de base azul-turquesa

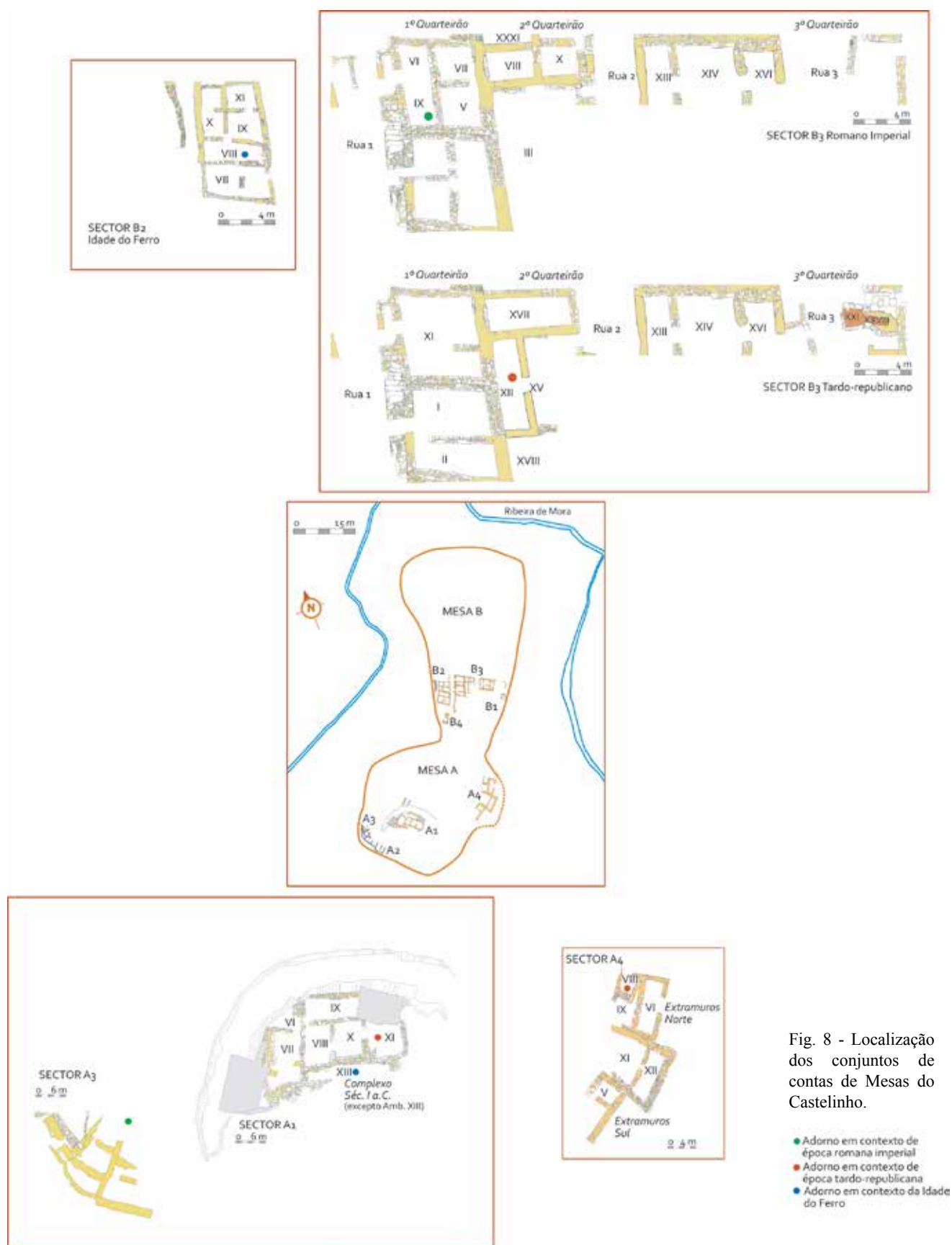


Fig. 8 - Localização dos conjuntos de contas de Mesas do Castelhinho.

e olhos a amarelo e azul-cobalto. Os materiais destes estratos apontam um contexto da 1ª metade do século I d.C., ainda que sem estruturas associadas.

Na mesma plataforma, em dois pisos sucessivos identificados no interior do Ambiente XI do chamado complexo de construções do século I a.C., no Sector A1, foi recolhido um conjunto de quatro contas: duas de forma anular, sendo uma em âmbar e a outra em vidro azul-cobalto, uma conta bicônica e uma conta esférica em vidro azul-cobalto. Os materiais cerâmicos associados às contas falam de um contexto do século I a.C.

Junto do talude superior oriental, no Sector A4, o Ambiente VIII providenciou a recolha de duas contas: uma missanga esférica em vidro vermelho e uma conta cilíndrica em cornalina. Este conjunto vermelho foi identificado num piso sobreposto por outro no qual a presença de um fragmento de uma pega de um *simpulum* itálico do tipo 1A de Castoldi/Feugère fala de um contexto do século I a.C.

Na plataforma B, um piso do Ambiente XII, no chamado 2º Quarteirão do Sector B3, providenciou sete contas em vidro (V. Fig. 9B). O adorno, muito possivelmente um colar, era composto por quatro contas azuis-cobalto (duas esféricas oculadas, com olhos a branco e no mesmo tom de azul, uma anular monocroma e outra oculada a branco e no mesmo tom de azul), uma esférica amarela/castanha, uma bicônica verde e uma fusiforme negra coroadada a branco. Neste conjunto destaca-se uma conta esférica oculada de grandes dimensões. Todas apresentavam sinais de terem sofrido a acção do fogo, situação explicada pela sua concentração num espaço onde mais tarde funcionou um forno. A profusa quantidade de campaniense B calena, sendo a mais recente da 2ª metade do século I a.C., autoriza uma datação contextual tardo-republicana.

Estes cinco conjuntos assim reunidos revelam cronologias contextuais balizadas entre a 2ª metade do século II a.C. e a 1ª metade do século I d.C., num intervalo de 200 anos que mostra a fase inicial da ocupação romana republicana e os inícios da fase romana imperial do sítio, num quadro de vigor económico do povoado.

Uma pequeníssima conta esférica vermelha saiu do enchimento de uma vala de fundação de um dos muros do complexo arquitectónico do Sector A1, construído algures durante a 2ª metade do século II a.C. Uma outra missanga, também vermelha, saiu de um piso do Ambiente XIII cortado por aquela vala de fundação (V. Fig. 9C). Esta relação estratigráfica possibilita reunir aquelas duas missangas num adorno (porventura um brinco) ou a sua aplicação em

vestuário. Os materiais do dito piso fornecem uma cronologia contextual balizada entre a 2ª metade do século IV e a 1ª metade do século III a.C.

Na plataforma B, o Ambiente VIII do Sector B2, situado junto da muralha ocidental do povoado, providenciou a associação de duas contas e de uma fíbula anular hispânica num momento de utilização da 2ª metade do século IV a.C. (V. Fig. 9D). A conta cilíndrica possivelmente em quartzo e a fíbula anular hispânica foram identificadas numa lareira. Esta estrutura de combustão funcionou com um piso de terra batida do qual saiu a conta geminada oculada. Com fundo azul-cobalto, apresenta todas as faces oculadas, totalizando quatro olhos, a azul-cobalto e branco. A aplicação dos olhos parece ter seguido a técnica dos olhos estratificados, com a inclusão de uma gota de cristal colocada numa matriz, empurrada para o interior enquanto a matriz estava branda e a introdução de outra gota no interior da primeira. O resultado final era uma sucessão de círculos concêntricos, com um ponto central mais escuro e espesso (Ruano Ruiz, 1995, p. 262). A perfuração corre toda a conta, ao longo do seu centímetro de comprimento, exibe leves vestígios da acção do fogo, talvez resultante da sua proximidade à estrutura de combustão, e não parece ter sinais de defeitos de fabrico.

A fíbula anular hispânica da forma 4-A de Cuadrado Díaz corresponde à forma mais frequente no Sudoeste, presente entre os finais do século V e o século IV a.C. As suas reduzidas dimensões, com 2,5 cm de diâmetro, podem estar relacionadas com o seu uso em peças de vestuário delicadas (Miguez, 2010, vol. I, p. 25-26; vol. II nº 57).

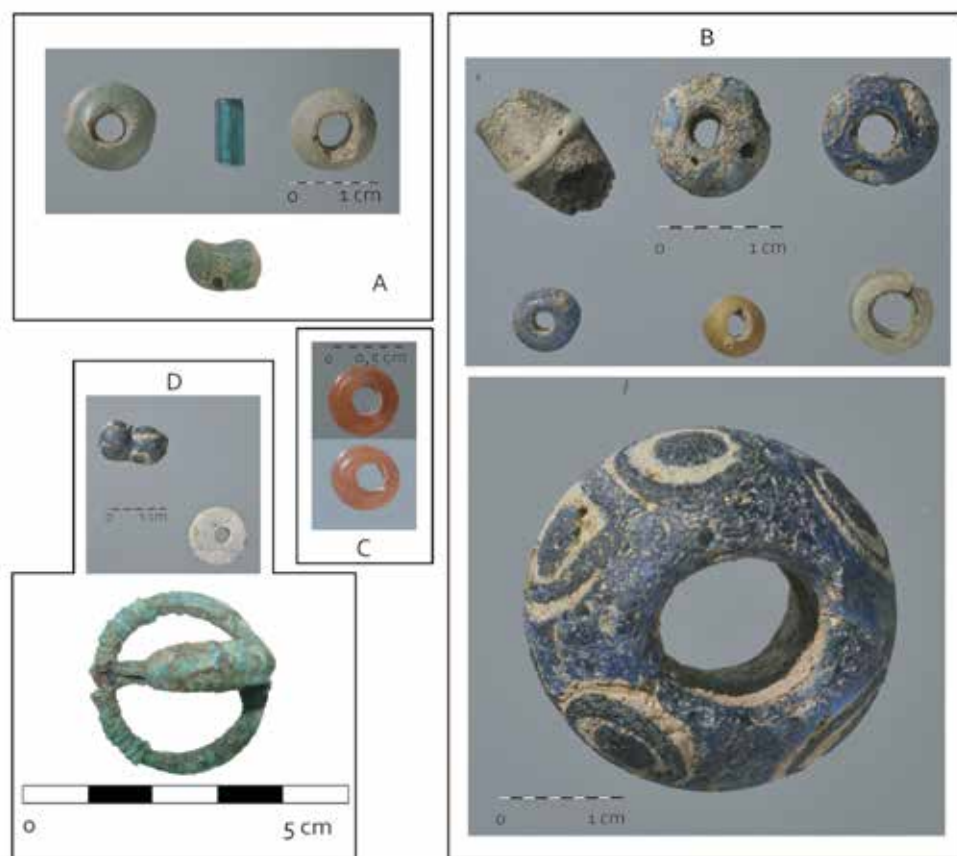
Algumas leituras em torno das contas em vidro de Mesas do Castelinho

Porque as contas em vidro constituem o conjunto mais abundante dos elementos de adorno de Mesas do Castelinho, será obrigatório tentar interpretar as frequências das contas mais representadas e de outras menos presentes neste sítio comparativamente aos outros dois locais para os quais temos dados mais completos, afortunadamente também com cronologias comuns: Cabeça de Vaiamonte e Porto do Sabugueiro.

As contas esféricas e as anulares são das mais antigas e das mais presentes no Sudoeste peninsular. A sua produção ocorre entre os séculos VIII e II a.C. Em Cabeça de Vaiamonte ocorrerão centenas de vezes⁴ (Fabião, 2001,

4 - Naquele estudo não se individualizaram as contagens das contas esféricas e das contas anulares.

Fig. 9 - Alguns dos conjuntos de contas de Mesas do Castelinho (contas sobre fundo cinza: foto de Francisco Almeida; foto da fíbula: Miguez, 2010, vol. II, nº 57, modificado).



p. 203-204) e no Porto do Sabugueiro, existem 68 contas esféricas e 73 anulares (Arruda *et alii*, 2016, p. 89- fig. 5).

Equacionando as quantidades agrupadas das contas esféricas e anulares nos três sítios, obtêm-se os seguintes valores: 95,27% do conjunto de Porto do Sabugueiro, 94,6% em Cabeça de Vaiamonte e 81,81% das contas em vidro de Mesas do Castelinho. Os valores não são muito desiguais, sobretudo os primeiros, mas não esqueçamos que lidamos com três sítios onde a presença de contas se dá por razões distintas: Porto do Sabugueiro deu provas de uma produção local de contas monocromas, em Cabeça de Vaiamonte essa produção não é assertiva mas pode ter existido e Mesas do Castelinho mostra-se como local de consumo destes objectos. Talvez aqui resida a explicação daquela inferioridade percentual, que não pode ser alienada do facto de que aqui chegaram outras e variadas contas, num cenário típico de local receptor.

As contas bicónicas são produzidas entre os finais do século VI e os inícios do século II a.C., sendo muito abundantes em Ibiza mas pouco frequentes noutras áreas (Ruano Ruiz, 1996, p. 66). São ausentes no Porto do Sabugueiro (Arruda *et alii*, 2016, p. 88). As três contas de Cabeça de Vaiamonte (Fabião, 2001, p. 204) e as cinco de Mesas do

Castelinho mostram esta fraca representatividade.

Em contextos de época romana serão ainda menos frequentes. Na necrópole da Azinhaga do Olival do Senhor dos Mártires, ocupada entre o século II d.C. e os inícios do século III d.C., existe um exemplar bicónico (Gomes, 2013, p. 816, 819-fig.2, nº 26). Em Torre de Ares, um exemplar bicónico faz parte dos contextos desconhecidos desta necrópole da cidade de Balsa, utilizada entre os finais do século I a.C. e o século V d.C. (Pereira, 2014, vol. I, p. 151, p. 218-219; vol. II, Est. 19.5).

Estaríamos possivelmente perante uma produção mais tardia, atendendo aos exemplares de Mesas do Castelinho, sendo que um deles foi recolhido em estratigrafia de pleno século II a.C., o que discorda parcialmente da cronologia final de produção apontada para esta forma.

As contas cilíndricas em vidro, produzidas entre os séculos VI e II a.C., estão fracamente representadas em Mesas do Castelinho. Do conjunto de Cabeça de Vaiamonte apenas consta uma conta cilíndrica (Fabião, 2001, p. 204, 208 – fig. 4) e está ausente do Porto do Sabugueiro (Arruda *et alii*, 2016, p. 88).

As duas contas cilíndricas em vidro de Mesas do Castelinho são perfeitamente coincidentes com as frequên-

cias destas contas no depósito votivo de Garvão, com três exemplares. Em ambos os sítios surgem menos representadas que as contas em cornalina. E ainda que em Garvão as contas de cornalina se distribuam por formas cilíndricas, esféricas achatadas e bitruncocónicas (por esta ordem de representatividade), vai ao encontro de uma situação que parece evidente e que poderá ter-se iniciado, pelo menos no interior do Sudoeste Peninsular, no século III a.C.

Falo da concordância da representatividade desta forma nas contas em cornalina de Mesas do Castelinho com as contas na mesma matéria-prima do depósito secundário de Garvão, num esquema de obtenção que pode estar relacionado com a cor desejada e com aspectos técnicos. Ou seja, para além de parecer existir alguma preferência pelos tons vermelhos, a partir do século III a.C., já a morfologia mais representada em conjunto, a cilíndrica, pode estar a falar de algum tipo de aperfeiçoamento técnico na produção desta forma e em cornalina, o que em parte explica a abundância desta matéria-prima nas contas cilíndricas importadas nesta segunda metade do I milénio a.C.

O conjunto de contas oculadas de Mesas do Castelinho, com 22 exemplares, conforma 40% das contas em vidro e 29,3% no total do conjunto de contas do sítio, em dissonância com o conjunto de Cabeça de Vaiamonte que revela uma quantidade reduzida de contas oculadas, apenas 24 entre 889 contas, correspondendo a uns escassíssimos 2,69% de representatividade. O mesmo acontece no Porto do Sabugueiro, com apenas oito contas oculadas por entre as 148 classificáveis, o que configura uma representação de 5,4%. A justificação para esta discrepância pode estar na condição do sítio baixo-alentejano enquanto local exclusivamente receptor. No sítio ribatejano, as contas oculadas mostravam características distintas relativamente às monocromas ali produzidas, indiciando também a sua aquisição (Arruda *et alii*, 2016, p. 94). E, ainda que se desconheçam os contextos de recolha das contas oculadas de Cabeça de Vaiamonte, será possível entender as suas quantidades enquanto também importações, o que configura, simultaneamente, a possibilidade da produção local de contas monocromas.

Apenas duas contas oculadas estão presentes na estratigrafia da Idade do Ferro de Mesas de Castelinho: a conta geminada datada da 2ª metade do século IV a.C. e a pequena conta azul-turquesa presente na fase fundacional, entre os finais do século V a.C. e a 1ª metade do século IV a.C. As restantes dispersam-se ou reúnem-se a outras contas, em episódios tão recuados quanto a 2ª metade do século II a.C.

Esta situação pode configurar dois cenários: a sua situação pós-deposicional ou a manutenção, se não da aquisição, pelo menos da utilização de adornos oculados. Para

este último panorama concorrem algumas contas oculadas encontradas reunidas em momentos de utilização de diferentes espaços de época romana republicana de Mesas do Castelinho. Do Castelo da Lousa, Mourão, ocupado em época tardo-republicana e imperial, existem três contas – uma oculada e duas monocromas (Carvalho, 2010). Da Alcáçova de Santarém constam seis contas monocromas num contexto dos séculos II e I a.C. (Arruda, Viegas e Almeida, 2002, p. 162, nº 182). Em contextos do 3º quartel do século II a.C do Castelo de São Jorge (Lisboa) existem duas contas oculadas e são encontradas em momentos dos meados do século I a.C. em Monte dos Castelinhos, Vila Franca de Xira (*apud* Arruda *et alii*, 2016, p. 92). Em suma, uma tradição secular que, ainda que pouco presente em contextos posteriores ao século II a.C., dá provas de não terminar com as etapas finais da Idade do Ferro.

Em balanço de contas

As contas de Mesas do Castelinho surgem em contextos estratigráficos de quase seis séculos de ocupação contínua, entre os finais do séc. V a.C. e os inícios do séc. II d.C. Devem ser entendidas porém numa cronologia algo mais restrita, entre os momentos iniciais da ocupação e o século II a.C., ou seja, entre a ocupação da Idade do Ferro e os inícios da ocupação de época romana. Isoladas ou em conjuntos, quando identificadas em contextos estratigráficos de cronologias posteriores, são resultado, respectivamente, de situações pós-deposicionais ou da manutenção de uma cultura material de aparências, acessível a poucos dos seus habitantes.

As quantidades de contas deste povoado mostram o padrão da gradual diminuição das importações de vidro de origem mediterrânica a partir do século V a.C., no interior e no litoral. Só Cabeça de Vaiamonte escapa a este cenário, e mesmo desconhecendo a origem estratigráfica das suas abundantes contas, estas poderão fazer parte das suas ocupações mais tardias, das quais não deve ser alheada a ocupação de época romana republicana e a possibilidade de uma produção local. A produção destes objectos no Porto do Sabugueiro mostra a sua difusão em âmbito regional a partir do século IV a.C., numa prova mais da *atlantização* do Mediterrâneo.

E o Mediterrâneo cabe em Mesas do Castelinho. Parte da prova é encontrada na quantidade considerável das contas em cornalina e das contas oculadas, sendo que destas praticamente metade se reúne a outras.

O posicionamento do povoado junto de vias naturais de passagem possibilita a chegada e distribuição de artigos

exógenos como estes, mas também de outros que trazem para além do primário alimento, ideias, crenças, rituais. A sua localização explica a sua ocupação mas também o seu abandono. Mas enquanto vive, é uma porta de entrada do Mediterrâneo num vasto território interior e rural.

A partir de meados do séc. II a.C., num quadro de desenvolvimento urbanístico e económico, chegam ao povoado em grandes quantidades cerâmicas de origem itálica e mantêm-se os circuitos com os centros produtores andaluzes. E os vistosos adornos, herdados ou adquiridos há pouco, embelezam os corpos.

Agradecimentos

Agradeço a Francisco Almeida, autor de parte das fotografias das contas, e a José Paulo Ruas, que auxiliou logisticamente este registo.

Referências bibliográficas

- Alarcão, J. de; Delgado, M.; Mayet, F.; Alarcão, A. M.; Ponte, S. da (1976) – Céramiques diverses et verres. In J. de Alarcão, R. Étienne (dir.), *Fouilles de Conimbriga*, Vol. VI. Paris: Mission Archéologique Française au Portugal/Musée Monographique de Conimbriga/De Boccard.
- Almagro-Gorbea, M. J. ; Alonso Cereza, E. (2009) – *Vidrios antiguos del Museo Nacional de Artes Decorativas*. Bibliotheca Archaeologica Hispana, 30. Madrid: Real Academia de la Historia.
- Almagro-Gorbea, M. (2008) – Cuentas de collar y botones. In M. Almagro-Gorbea (ed.), *La necrópolis de Medellín II. Estudio de los hallazgos*. Studia Hispano-Phoenicia, 5-2. Madrid: Real Academia de la Historia, p. 395-401.
- Alves, C. (2014) – Campanian ware from Mesas do Castelinho, Portugal. *Rei Cretariae Romanae Fautorum Acta*, 43, p. 631-638.
- Arruda, A. M. (2001) – A Idade do Ferro pós-orientalizante no Baixo Alentejo. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 4-2. Lisboa, p. 207-291.
- Arruda, A. M.; Pereira, C.; Pimenta, J.; Sousa, E.; Mendes, H.; Soares, R. (2016) – As contas de vidro do Porto do Sabugueiro (Muge, Salvaterra de Magos, Portugal). *Cuadernos de Prehistoria y Arqueología de la Universidad Autónoma de Madrid*, 42. Madrid, p. 79-101.
- Arruda, A. M.; Viegas, C.; Almeida, M. J. de (coord.), (2002) – *De Scallabis a Santarém*. Lisboa: Ministério da Cultura/Instituto Português de Museus/Museu Nacional de Arqueologia.
- Beirão, C. de M. (1986) – *Une Civilisation Protohistorique du Sud du Portugal (1er Âge du Fer)*. Paris: De Boccard.
- Beirão, C. de M. (1990) – Epigrafia da I Idade do Ferro do Sudoeste da Península Ibérica. Novos dados arqueológicos. *Presenças orientalizantes em Portugal. Da pré-história ao período romano* (Estudos orientais, I). Lisboa, p. 107-118.
- Beirão, C. de M.; Correia, V. H. (1998) – Novos dados arqueológicos sobre a área de Fernão Vaz. In J. Mangas Manjarrés, J. Alvar (coord.), *Homenaje a José María Blázquez*, vol. 1. Madrid: Ediciones Clásicas, pp. 285-302.
- Beirão, C. de M.; Gomes, M. V. (1983) – A necrópole da Idade do Ferro do Galeado (Vila Nova de Milfontes). *O Arqueólogo Português*, Série IV. 1. Lisboa, p. 207-266.
- Beirão, C. de M.; Tavares da Silva, C.; Soares, J.; Gomes, M. V.; Gomes, R. V. (1985) – Depósito votivo da II Idade do Ferro de Garvão. Notícia da primeira campanha de escavações. *O Arqueólogo Português*, Série IV, 3. Lisboa, p. 45-136.
- Berrocal-Rangel, L. (1989) – El asentamiento “céltico” de Castrejón de Capote (Higuera La Real, Badajoz). *Cuadernos de Prehistoria y Arqueología de la Universidad Autónoma de Madrid*, 16. Madrid, p. 245-295.
- Cardoso, J. L. (2004) – Uma tumulação do final do Bronze Final/inícios da Idade do Ferro no sul de Portugal: a *tholos* do Cerro do Malhanito (Alcoutim). In M. C. Lopes, R. Vilaça, (ed.), *O passado em cena: narrativas e fragmentos. Miscelânea oferecida a Jorge de Alarcão*. Coimbra: Centro de Estudos Arqueológicos das Universidades de Coimbra e Porto, p. 193-223.
- Cardoso, J. L.; Gradim, A. (2006) – A necrópole da I Idade do Ferro de Cabeço da Vaca 1 (Alcoutim). *Actas do 3º Encontro de Arqueologia do Algarve. Silves, 20, 21 e 22 de Outubro de 2005* (Xelb 6). Silves: Câmara Municipal de Silves, p. 201-226.
- Carvalho, P. (2010) – Vidros. In J. de Alarcão, P. Carvalho, A. Gonçalves (coord.), *Castelo da Lousa: intervenções arqueológicas de 1997 a 2002* (Studia Lusitana; 5). Mérida: Museo Nacional de Arte Romano, p. 477-479.
- Cerdeño, M. L.; Martínez, J. A.; Agua, F.; Sagardoy, T.; Monasterio, M. (2012) – Ámbar en la Meseta Oriental durante el Bronce Final: Yacimientos locales e importa-

- ciones bálticas. *Trabajos de Prehistoria*, 69-2. Madrid, p. 375-384.
- Correia, V. H.; Parreira, R. (2002) – *Cola. Circuito arqueológico* (Roteiros da Arqueologia Portuguesa, 8). Lisboa: Instituto Português do Património Arqueológico.
- Costa, J. M. da (1974) – O tesouro púnico-tartéssico do Gaio (Sines) (Século VII a.C.). Novos achados. *Actas das II Jornadas Arqueológicas, Lisboa 1972*, Vol. II. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, p. 97-120.
- Deus, M. de; Antunes, A. S.; Soares, A. M. (2009) – A Salsa 3 (Serpa) no contexto dos povoados abertos do Bronze Final do Sudoeste. In J. A. Pérez Macías, E. Romero Bomba (coord.), *IV Encuentro de Arqueología del Suroeste Peninsular*. Huelva: Universidad de Huelva, p. 514-543.
- Deus, M. de; Correia, J. (2005) – Corte Margarida. Mais uma necrópole orientalizante no Baixo Alentejo. In S. Celestino Pérez, J. Jiménez Ávila (coord.), *El período orientalizante. Actas del III Simposio Internacional de Arqueología de Mérida. Protohistoria del Mediterráneo Occidental* (Anejos de AEspA; XXXV). Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, p. 615-618.
- Dias, M. A.; Beirão, C. de M.; Coelho, L. (1970) – Duas necrópoles da Idade do Ferro no Baixo Alentejo: Ourique (notícia preliminar). *O Arqueólogo Português*. Lisboa, Série III. IV, p. 175-219.
- Estrela, S. (2010) – Os Níveis Fundacionais da Idade do Ferro de Mesas do Castelinho (Almodôvar). Os Contextos Arqueológicos na (Re) Construção do Povoado. Dissertação de Mestrado. Lisboa: Faculdade de Letras de Lisboa. 2 Vols. [<http://hdl.handle.net/10451/3009>].
- Estrela, S. (2010-2011) – Mesas do Castelinho (Almodôvar): uma aldeia amuralhada na paisagem da Idade do Ferro do Baixo Alentejo, 62-63. *Arqueologia & História*. Lisboa, p. 101-115.
- Fabião, C. (1996) – O povoado fortificado de Cabeça de Vaiamonte (Monforte). *A cidade. Revista cultural de Portalegre*, 11, Nova série, p. 35-84.
- Fabião, C. (1998) – *O Mundo Indígena e a sua Romanização na Área Céltica do Território hoje Português*. Tese de Doutoramento. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. 3 Vols. [policopiado].
- Fabião, C. (1999) – A propósito do depósito de Moldes, Castelo de Neiva, Viana do Castelo: a baixela romana tardo-republicana em bronze no extremo ocidente peninsular. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 2-1. Lisboa, p. 163-198.
- Fabião, C. (2001) – Importações de origem mediterrânea no interior do Sudoeste peninsular na segunda metade do I milénio a.C.: materiais de Cabeça de Vaiamonte, Monforte. *Os Púnicos no Extremo Ocidente. Actas do Colóquio Internacional realizado na Universidade Aberta, Lisboa, 27 e 28 de Outubro de 2000*. Lisboa: Universidade Aberta, p. 197- 228.
- Fabião, C.; Guerra, A. (1994) – As ocupações antigas de Mesas do Castelinho (Almodôvar). Resultados preliminares das campanhas de 1990-92. *Actas das V Jornadas Arqueológicas da Associação dos Arqueólogos Portugueses, Lisboa, 1993*, Vol. II. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, p. 275-289.
- Fabião, C.; Guerra, A. (2008) – Mesas do Castelinho (Almodôvar): um projecto com vinte anos. *Al-Madan*, II Série. 16. Almada, p. 92-105.
- Fabião, C.; Guerra, A. (2010) – Mesas do Castelinho (Almodôvar): a case of a failed Roman town in Southern Lusitania. In C. Corsi, F. Vermeulen (ed.), *Changing Landscapes: The impact of Roman towns in the Western Mediterranean. Proceedings of the International Colloquium, Castelo de Vide – Marvão, 15th-17th May 2008*. Bologna: Ante Quem, p. 325-346.
- Filipe, V. (2010) – As ânforas de tradição pré-romana de Mesas do Castelinho (Almodôvar). *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 13. Lisboa, p. 57-88.
- García Heras, M.; Rincón López, J. M.; Jimeno Martínez, A.; Villegas Broncano, M. Á. (2003) – Estudio arqueométrico de cuentas de vidrio procedentes de la necrópolis de Numancia (siglo II a.C.). *Trabajos de Prehistoria*, 60-1. Madrid, p. 173-181.
- García Sanjuán, L.; Garrido González, P.; Lozano Gómez, F. (2007) – Las piedras de la memoria (II). El uso en época romana de espacios y monumentos sagrados prehistóricos del Sur de la Península Ibérica. *Complutum*, 18. Madrid, p. 109-130.
- Gomes, F. B. (2013) – Vidros romanos das necrópoles de Alcácer do Sal depositados no Museu Nacional de Arqueologia. In J. A. Arnaud, A. Martins, C. Neves (coord.), *Arqueologia em Portugal 150 anos. Atas do I Congresso da Associação dos Arqueólogos Portugueses*, Lisboa, 21 a 24 novembro de 2013. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, p. 813-820.
- Gomes, F. B. (2014) – Importações mediterrâneas em contextos «pós-orientalizantes» do Sul de Portugal (séculos VI-V a.n.e.). *Onoba*, 2. Huelva, p. 27-44.
- Gomes, F. B. (2016) – *Contactos Culturais e Discursos*

- Identitários na I Idade do Ferro do Sul de Portugal (séculos VIII-V a.n.e.): Leituras a partir do Registo Fune-rário*. Dissertação de Doutoramento. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (<http://hdl.handle.net/10451/25042>).
- Gomes, M. V. (1990) – O Oriente no Ocidente. Testemu-nhos iconográficos na proto-história do Sul de Portugal: *smiting gods* ou deuses ameaçadores. *Presenças orien-talizantes em Portugal. Da pré-história ao período ro-mano* (Estudos Orientais; I). Lisboa, p. 53-106.
- Gonçalves, A. P.; Soares, A. M. M. (2010) – As “contas de colar” dos Ratinhos – I. As contas em pedra, análise por Difrração de Raios X. In L. Berrocal-Rangel, A. C. Silva, *O Castro dos Ratinhos (Barragem do Alqueva, Moura). Escavações num povoado proto-histórico do Guadiana, 2004-2007* (O Arqueólogo Português; Suplemento 6). Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia, p. 389-392.
- Gonçalves, A. P.; Soares, A. M. M.; Silva, A. C.; Berrocal-Rangel, L. (2011) – Stone beads from Late Bronze Age and Early Iron Age settlements from South-western Portugal: Analyses by X-ray diffraction. In I. Turbanti-Memmi (ed.), *Proceedings of the 37th International Symposium on Archaeometry, 13th-16th May 2008, Sie-na, Italy*. Berlin/Heidelberg: Springer, p. 227-231.
- Guerra, A.; Fabião, C. (2001) – Mesas do Castelinho, Almodôvar: uma fortificação rural islâmica do Baixo Alentejo. In I. Fernandes (coord.), *Actas do Simpósio Internacional sobre Castelos, Palmela. Mil Anos de Fortificações na Península Ibérica e no Magreb (500-1500)*. Lisboa: Edições Colibri/Câmara Municipal de Palmela, p. 171-176.
- Guerra, A.; Fabião, C. (2010) – Mesas do Castelinho (Al-modôvar): um exemplo de urbanismo falhado no sul da Lusitânia. In J-G. Gorges, T. Nogales Basarrate (ed.), *VII Table Ronde Internationale sur la Lusitanie Romaine. Naissance da Lusitanie Romaine (Ier av. – Ier ap. J. C.)*. Toulouse, 8-9 novembre 2007. Mérida: Museu Nacional de Arte Romano de Mérida, p. 459-488.
- Hoffmann, B. (2003) – Roman glass from Newstead and Vindolanda. *Annales du 15e Congrès de l'Association Internationale pour l'Histoire du Verre, New York 2001*. Nottingham: Association Internationale pour l'Histoire du Verre, p. 41-44.
- Jiménez Ávila, J. (1999) – Los objetos de vidrio proceden-tes del yacimiento de Pajares. Estudio preliminar. In S. Celestino Pérez (ed.), *El yacimiento protohistórico de Pajares. Villanueva de La Vera. Cáceres. I. Las necró-polis y el tesoro áureo*. Mérida: Junta de Extremadura. (Memorias de Arqueología Extremeña; 3), p. 139-152.
- Jiménez Ávila, J. (2001) – La necrópolis de “El Jardal” (Herrera del Duque, Badajoz): elementos para el estu-dio del ritual funerario del Suroeste peninsular a finales de la I Edad del Hierro. *Complutum*, 12. Madrid, p. 113-122.
- Jiménez Ávila, J. (2002-2003) – Estructuras tumulares en el Suroeste ibérico. En torno al fenómeno tumular en la protohistoria peninsular. *Homenaje a la Dra. Dna. Encarnación Ruano* (Boletín de la Asociación Española de Amigos de la Arqueología, 42). Madrid, p. 81-120.
- Jiménez Ávila, J. (2003) – Los objetos de pasta vítrea de Cancho Roano. In S. Celestino Pérez (ed.), *Cancho Roano VIII. Los materiales arqueológicos I*. Mérida: Junta de Extremadura, p. 263-291.
- Jiménez Ávila, J.; Ortega Blanco (2006) – Objetos de mar-fil, hueso y vidrio. Objetos varios. In J. Jiménez Ávila (ed.), *El conjunto orientalizante de Talavera La Vieja (Cáceres)* (Memorias de Arqueología Extremeña 5). Cáceres: Junta de Extremadura, p. 155-161.
- López Amador, J. J.; Ruiz Gil, J. A. (2010) – Las ofrendas del santuario púnico-gaditano de La Algaida (Sanlúcar de Barrameda). In E. Mata Almonte (ed.), *Cuaternario y arqueología: homenaje a Francisco Giles Pacheco*. Cádiz: Asociación Profesional del Patrimonio Históri-co-Arqueológico de Cádiz/Servicio de Publicaciones de la Diputación Provincial de Cádiz, p. 433- 450
- Maia, M. G. P. (1985-1986) – Dois *larnakes* da Idade do Ferro do Sul de Portugal. *Actas del IV Coloquio sobre Lenguas y Culturas Paleohispánicas. Vitoria/Gasteiz, 1985* (Veleia 2-3), p. 223-242.
- Maia, M. G. P.; Maia, M. (1996) – Arqueologia do couto mineiro de Neves Corvo. *Mineração no Baixo Alente-jo*. Castro Verde: Câmara Municipal de Castro Verde, p. 83-93.
- Martín de la Cruz, J. C.; Vera Rodríguez, J. C.; Sánchez Romero, A.; Ruiz Mata, D.; Pérez Pérez, C.; Ruiz Gil, J. A.; López Amador, J. J.; Barrios Neira, J.; Montealegre Contreras, L.; Ibarra de Dios, F. J. (2004) – Colgantes y cuentas de cornalina procedentes de Andalucía Occi-dental. *Mirando al mar. Perspectivas desde el Poniente Mediterráneo: II y I milenios a.C.* (Revista de Prehisto-ria 3). Córdoba: Universidad de Córdoba, p. 6-47.
- Martínez Mira, I.; Vilaplana Ortego, E. (2014) – Cuentas de colar de La Fonteta (Guardamar, Alicante) y La Peña Negra (Crevillente, Alicante): descripción y análisis instrumental. In A. González Prats, (ed.), *La Fonteta-2. Estudio de los materiales arqueológicos hallados en la colonia fenicia de la actual desembocadura del río Se-gura (Guardamar, Alicante)* (Seminarios Internaciona-

- les sobre Temas Fenicios, 2). Alicante: Universidad de Alicante, p. 848-931.
- Mataloto, R. (2012) – Os senhores e as serras: o final da Idade do Bronze no Alentejo Central. In J. Jiménez Ávila (ed.), *Sidereum Ana II – El río Guadiana en el Bronce Final* (Anejos de AEspA, LXII). Mérida: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, p. 185-213.
- Miguez, J. (2010) – *As Fíbulas do Sudoeste da Península Ibérica enquanto Marcadores Étnicos: O Caso de Mesas do Castelinho*. Dissertação de Mestrado. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. 2 Vols. [<https://independent.academia.edu/JoãoMiguez>].
- Miguez, J. (2013) – As fíbulas do tipo Schüle 4h no Sudoeste da Península Ibérica. In N. Medina Rosales (ed.), *VII Encuentro de Arqueología del Suroeste Peninsular. Aroche-Serpa, 29, 30 de noviembre, y 1 de diciembre de 2013*. Aroche: Ayuntamiento de Aroche, p. 1303-1326.
- Murillo-Barroso, M.; Martín-Torres, M. (2012) – Amber sources and trade in the Prehistory of the Iberian Peninsula. *European Journal of Archaeology*, 15. Cambridge, p. 187-216.
- Nolen, J. U. S. (1994) – *Cerâmicas e vidros de Torre de Ares. Balsa: incluindo o espólio ósseo e medieval*. Lisboa: Instituto Português de Museus/ Museu Nacional de Arqueologia.
- Palomar, T.; Peña-Poza, J.; Conde, J. F. (2009) – Cuentas de vidrio prerromanas y arqueometría: una valoración de los trabajos realizados en la Península Ibérica. *Zephyrus*, LXIV. Salamanca, p. 53-62.
- Parreira, J. (2009) – *As Ânforas Romanas de Mesas do Castelinho*. Dissertação de Mestrado. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. 2 Vols. [<http://hdl.handle.net/10451/446>].
- Pereira, C. (2014) – *As Necrópoles Romanas do Algarve. Acerca dos Espaços da Morte no Extremo Sul da Lusitânia*. Dissertação de Doutoramento. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. 2 Vols. [<http://hdl.handle.net/10451/11460>].
- Ruano Ruiz, E. (1995) – Cuentas policromas prerromanas decoradas con “ojos”. *Espacio, tiempo y forma. Historia antigua*, Série II, 8. Madrid, p. 255-286.
- Ruano Ruiz, E. (1996) – *Las cuentas de vidrio prerromanas del Museo Arqueológico de Ibiza y Formentera* (Treballs del Museu Arqueològic d'Eivissa 36). Eivissa: Govern Balear/Conselleria d'Educació, Cultura i Esports.
- Ruano Ruiz, E. (1997) – Perles en verre provenant de la nécropole ibérique d'El Cigarralejo, Mula (Murcia, Espagne), Ve-IIe siècle av. J.-C. In U. Von Freeden, A. Wiczorek (ed.), *Perlen. Archäologie, Techniken, Analysen. Akten des Internationalen Perlensymposiums in Mannheim vom 11. Bis 14. November 1994*. (Kolloquien zur Vor- und Frühgeschichte 1). Bonn: Habelt, p. 13-40.
- Ruano Ruiz, E. (2001) – El vidrio antiguo (siglo VIII al IV a.C.). El Castillo de Doña Blanca (El Puerto de Santa María, Cádiz). I. Las cuentas de vidrio procedentes del poblado del Castillo de Doña Blanca, El Puerto de Santa María, Cádiz. *Boletín de la Asociación Española de Amigos de la Arqueología*, 41. Madrid, p. 57-64.
- Ruano Ruiz, E.; Hoffman, P.; Rincón, J. M. (1995) – Aproximación al estudio del vidrio prerromano: los materiales procedentes de la necrópolis ibérica de El Cigarralejo (Mula, Murcia). Composición química de varias cuentas de collar. *Trabajos de Prehistoria*, 52-1. Madrid, p. 189-206.
- San Nicolás Pedraz, M. P. (1986) – Orfebrería púnica: los collares de Ibiza en el Museo Arqueológico Nacional de Madrid. *Saguntum*, 20. Valencia, p. 57-94.
- Santos, F. J.; Antunes, A. S. T.; Grilo, C.; Deus, M. de (2009) – A necrópole da I Idade do Ferro de Palhais (Beringel, Beja). Resultados preliminares de uma intervenção de emergência no Baixo-Alentejo. In J. A. Pérez Macías, E. Romero Bomba (coord.), *IV Encuentro de Arqueología del Suroeste Peninsular*. Huelva: Universidad de Huelva, p. 746-804.
- Teichner, F. (1997) – Die römischen Villen vom Milreu (Algarve, Portugal). Ein Beitrag zur Romanisierung der südlichen Provinz Lusitania. *Madrider Mitteilungen*, 38. Mainz, p. 106-162.
- Torres Ortiz, M. (2013) – *Los colgantes de cornalina de Mesas de Asta*. Jerez de la Frontera: Museo Arqueológico de Jerez. (La pieza del mes. 27 de abril de 2013).
- Veiga, S. P. M. E. da (1891) – *Antiguidades monumentaes do Algarve: tempos prehistóricos*, Vol. IV. Lisboa: Imprensa Nacional.
- Viegas, C. (2011) – *A ocupação romana do Algarve. Estudo do povoamento e economia do Algarve central e oriental no período romano*. (Estudos e Memórias 3). Lisboa: UNIARQ – Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa.
- Viegas, C. (2019) – *Terra sigillata trade in Mesas do Castelinho (Almodôvar – Portugal): pattern of imports and contextual data in Southern Lusitania*. (Spal, 28: 1), p. 97-129.

Normas de redação

- Título e subtítulo (se aplicável), em português e inglês;
- Nome do autor, filiação institucional e contacto (facultativo);
- Resumo e abstract (com máximo de 100 a 400 palavras);
- Máximo de 5 palavras-chave e keywords;
- As notas de rodapé deverão ser restringidas ao máximo, sendo utilizadas para esclarecimentos, nunca para referências bibliográficas;
- O artigo deverá ser enviado em formato MS Word, com a indicação (aproximada) da localização das figuras;
- O texto deverá ser entregue em Times New Roman, tamanho 11 e com entrelinhamento de 1,5.
- O artigo deverá ter cerca de 15 páginas A4, incluindo texto e figuras;
- Referências bibliográficas no final do texto, organizadas de acordo com as normas abaixo mencionadas;
- As legendas deverão ser entregues em ficheiro em MS Word com lista numerada das figuras e respectiva legendas;
- Os elementos gráficos deverão ser enviados em formato JPEG ou TIFF, com resolução mínima de 300dpi, em modo CMYK ou escala de cinzas/grayscale;
- As tabelas/quadros deverão ser entregues em formato MS Excel ou Adobe Illustrator;
- Em artigos de arqueologia, as referências relativas a datações e grandezas cronológicas deverão ter a indicação da referência do laboratório, do tipo de amostra, da data BP e cal BC com indicação do grau de probabilidade (1 ou 2 sigma).

Exemplos de referências bibliográficas:

Monografias:

Soares, J. (2003) – *Os hipogeus pré-históricos da Quinta do Anjo (Palmela) e as economias do simbólico*. Setúbal: Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal, 238 pp.

Contribuições em monografias com indicação de editor:

Pinto, I. V.; Magalhães, A. P.; Brum, P. (2011) – O complexo industrial de Tróia desde os tempos dos Cornélii Bocchi. In J. L. Cardoso, M. Almagro-Gorbea (eds.), *Lucius Cornelius Bocchus. Escritor lusitano da Idade da Prata da literatura latina*. Lisboa-Madrid: Academia Portuguesa da História e Real Academia de la Historia, p. 133-167.

Artigos em revistas da especialidade:

Tavares da Silva, C.; Soares, J.; Coelho-Soares, A.; Duarte, S.; Godinho, R. (2014) – Preexistências de Setúbal. 2ª campanha de escavações arqueológicas na Rua Francisco Augusto Flamengo, nos 10-12. Da Idade do Ferro ao Período Medieval. *Musa. Museus, Arqueologia e Outros Patrimónios* 4, p. 161-214.

Artigos em publicações electrónicas:

Tavares da Silva, C.; Soares, J. – O habitat do Neolítico antigo do Casal da Cerca (Palmela). Setúbal Arqueológica on-line, 15, p. 1-47. [Consult. 04.12.2014]. Disponível na Internet: http://maeds.amrs.pt/informacao/publicacoes/2014/4_%20Casal%20da%20Cerca.pdf

Citações bibliográficas no texto:

Até 3 autores: (Freitas e Andrade, 2008)

Mais de 3 autores: (Gallazi *et al.*, 2008).

Os artigos deverão ser enviados em suporte digital para o email cea.maeds@amrs.pt ou entregues por correio normal (em pen ou CD) para a seguinte direcção: Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal, Av. Luisa Todi, nº162, 2900-451 Setúbal (Portugal).



AMRS - Associação de Municípios da Região de Setúbal
MAEDS - Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal